

a liabona



JANEIRO DE 1964

14 VÊZES DIFERENTE!

NÓVO

CHEVROLET

Amazona

Conforto de carro: 3 portas, 8 lugares e bancos estofados, rodar macio. Suspensão flexível — mas super-resistente.



Chevrolet tem a maior, mais moderna e mais aperfeiçoada linha de veículos utilitários do Brasil!

É o veículo mais moderno e aperfeiçoado, em sua classe! Nada menos de 14 notáveis inovações exclusivas foram introduzidas no NOVO CHEVROLET AMAZONA! Ficou ainda mais elegante, útil e eficiente! Mais do que nunca é a solução certa para o transporte de passageiros em escolas, fábricas, serviço público e para famílias grandes! **Exclusivas Novidades Estéticas!** Nova frente de estilo avançado. Novos faróis-duplos — mais um detalhe de beleza. Novos pára-lamas fronteiros — mais estreitos e elegantes. Nôvo teto da cabina, de linhas atualizadas. Nôvo acabamento, requintado como o dos automóveis. Novas e lindas combinações de côres. Novas linhas de carroçaria — permitem o uso de uma cor adicional. **6 Novos Detalhes Técnicos!** Nôvo “step” embutido — melhor proteção para o pneu. Nôvo “quebra-sol” —

mais conforto para o motorista. Nôvo fecho da porta — fecha macio e com absoluta segurança. Nova dupla-guarnição nas portas — impede a entrada de poeira. Novos limpadores de pára-brisa elétricos — funcionamento perfeito e longa duração. Novos bancos removíveis para aumentar a capacidade de carga. Sua maior garantia de economia, potência e durabilidade! Famoso Motor Chevrolet de 6 cilindros em linha, de 142 H.P. — O Coração de seu Chevrolet! Tem a potência de motores de mais H.P. — para realizar serviços pesados, sem dar tudo. Como nunca é forçado a dar o máximo, gasta menos gasolina. Mais durável porque: 1) funciona a baixa rotação, exigindo menos esforço das peças. 2) exclusivo sistema de ventilação positiva elimina os gases nocivos no cârter e filtros especiais impedem a entrada de poeira corrosiva.



PRODUTO DA GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

Vendas e serviços a cargo de mais de 320 concessionários CHEVROLET autorizados em todo o país.

A missão divina designada ao Profeta Joseph Smith	11
Leiamos o Livro de Mórmon	13
Use sempre o poder da oração e do sacerdócio	14
O testemunho e a fé são indiscutíveis	16
Publicidade aumenta interesse	22
Genealogia — Não comece a pesquisa até... ..	24
A oração eficaz	26
Livro de Mórmon oferecido ao Presidente João Goulart	27

ARTIGO ESPECIAL

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que constroem”	18
--	----

SEÇÕES

Jóias do Pensamento	3
Editorial	4
Jesus, o Cristo	5
Sacerdócio nas missões	23
Poesia	28

a l i a h o n a

VOL. XVIII — N.º 1

JANEIRO DE 1964

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editores

Finn B. Paulsen
Wayne M. Beck

Redatora

Diva Ferreira

Assistente de Redação

Irineu Petry

Fotógrafo

Charles R. Collins

Circulação

Maria Tereza Covacs

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:
80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,
Curitiba, PR, fone: 4-8016

PREÇOS:

Exterior: ANO ..	US\$ 4,00
No Brasil: ANO ..	Cr\$ 250,00
Exemplar:	Cr\$ 25,00

Registrado sob N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

PROVAÇÃO MORTAL DE GRANDE IMPORTANCIA

Excerto dos escritos do Presidente Joseph Fielding Smith, do Conselho dos Doze. Veja Doutrinas de Salvação, Vol. 1, pgs. 68-69.

Estamos aqui para um grande e importante propósito.

Esse propósito não é viver 100 anos, ou menos, e cultivar nossos campos, ceifar nossa seara, colher frutos, morar em casas e cercar-nos com as necessidades da vida mortal. Não é esse o propósito de nossa vida. Todas essas coisas são necessárias à nossa existência aqui e, por isso, devemos ser industriosos.

Mas, quantos não perdem seu tempo pensando que na vida tudo se resume em acumular bens deste mundo, em viver confortavelmente, cercando-se de todo o luxo, privilégios e prazeres que a vida mortal possa conferir, não procurando pensar em nada além?

Porque, contudo, essas coisas todas são bênçãos temporais. Comemos para viver. Vestimo-nos para manter-nos aquecidos e resguardados. Temos casas para nelas vivermos confortavelmente e segundo nossas conveniências, mas devemos encarar todas essas bênçãos como bênçãos temporais, indispensáveis, apenas enquanto transitamos por esta vida. E isso é tudo de bom que podem nos oferecer.

Todavia, nada disso podemos levar conosco quando partirmos. Ouro, prata e pedras preciosas, denominados riquezas, não são úteis ao homem, além de proporcionar-lhe segurança e provar suas necessidades aqui...

Esta provação mortal devia ser um breve período, apenas um pequeno hiato ligando a eternidade passada à eternidade futura. Portanto, devia ser um período de extraordinária importância.

Ou seria dada, àqueles que o aceitassem, a bênção de vida eterna, que é a maior dádiva de Deus, qualificando-os à Deidade, como filhos e filhas de nosso Pai Eterno; ou, se se rebelassem e recusassem cumprir as leis e ordenanças estabelecidas para sua salvação, seria negada a grande bênção e seriam designados, após a ressurreição, para alguma esfera inferior, de acordo com as obras que realizaram.

Esta vida é o período mais crucial de nossa existência eterna. Ela está repleta de tremendas responsabilidades e riscos. Aqui nos defrontamos face a face com inumeráveis tentações. Lúcifer, antes filho da alva, agora Satanás, o embusteiro, aqui está com todas as suas hostes rebeldes para nos tentar e desencaminhar.

ESQUEMA PARA UMA VIDA FAMILIAR

Presidente DAVID O. MCKAY

Há alguns anos, o Presidente Joseph F. Smith, então da Primeira Presidência, posteriormente Presidente da Igreja, numa aula inicial, no Colégio dos Santos dos Últimos Dias, disse: "Instruam-se, não somente para o tempo, mas, também para a eternidade. O último dos dois é o mais importante. Portanto, quando tivermos completado os estudos do tempo e entrado nas cerimônias iniciais da grande vida futura, compreenderemos que nosso trabalho não está terminado, mas, apenas começando."

De todo o meu coração, acredito que o melhor lugar para preparar essa espécie de vida eterna é o lar. Mas, vida familiar paga também bons dividendos terrenos. Não conheço nenhum outro lugar além do lar, onde verdadeira felicidade possa ser encontrada nesta vida. É possível fazer-se do lar um pedaço do céu; retrato o céu como sendo a continuação do lar ideal.

Todos os lares têm corpo e espírito. Você pode ter uma bela casa com tôdas as decorações que a arte moderna possa dar ou riqueza conferir. Você pode ter tôdas as aparências exteriores que delicias os olhos e ainda não ter um lar. Sem amor não há lar. Pode ser uma choça, uma cabana, uma barraca ou maloca, se tiver internamente o verdadeiro espírito, o verdadeiro amor de Cristo, amor uns pelos outros, de pai e mãe pelas crianças, das crianças pelos pais, marido e

mulher reciprocamente — você tem a verdadeira vida do lar que os santos dos últimos dias edificaram e que lutam por estabelecer.

Num lar assim Deus pôs sobre os pais a responsabilidade de instalar princípios eternos na mente dos filhos. Escolas da igreja, Escolas Dominicais, Associações de Melhoramentos Mútuos, Primária e quoruns de sacerdócios, todos são ajudas no ministério, estabelecido aqui para assistir à edificação e orientação da juventude, mas, nenhum deles — grandes e importantes fatores que são na vida de nossa juventude — podem suplantar a permanência e influência dos pais.

O lar é verdadeiramente a célula mater da sociedade e a paternidade se aproxima da divindade. A afinidade dos filhos para com os pais deve ser de tal ordem, que os capacite a tornarem-se cidadãos dignos, quando se integrarem na vida do estado e da sociedade em tôda a sua amplitude. O segrêdo da boa afinidade na igreja está na maneira como o cidadão repousa no lar. Se acaso chegar o tempo em que os pais transferirem para o Estado a responsabilidade de orientar seus filhos, a estabilidade da nação será solapada e sua debilitação e desintegração terão começado.

O caráter da criança é formado em profundidade nos primeiros doze anos de sua vida. É calculado que nesse período a criança dispense sessenta

vêzes mais atenção nas coisas que acontecem no lar do que na escola e cem vêzes mais no lar do que na igreja.

Tôda criança é o que é, em alto grau, por causa da sempre contínua influência do ambiente doméstico e do cuidado ou desleixo na educação por parte dos pais.

Um bom lar desenvolve hábitos sadios através de ensinamento e exemplos dos pais em comer, dormir e outras práticas apropriadas.

O lar é o melhor lugar para a criança aprender a controlar-se e entender que deve se retrair para o bem de outros. Assim, quando entra na sociedade, onde encontra seus companheiros, melhor compreende que deve dar-lhes respeito e consideração. O lar é o melhor lugar para desenvolver a obediência que a natureza e a sociedade mais tarde exigirão.

Lares tornam-se duradouros através do amor. Deixem que haja muito amor! Ainda que lhes faltem bens materiais, estudem, trabalhem e orem para manter o amor de seus filhos.

Uma criança tem o direito de sentir que na sua casa tem um lugar de refúgio, um lugar de proteção contra os perigos e os males do mundo exterior. Unidade e integridade da família são necessárias para suprir essa necessidade.

Desejo chamar a atenção para o fato de que nossos lares sejam mais



atrativos e para que a maioria de nossos entretenimentos sejam centralizados no lar.

Os pais devem dirigir o desenvolvimento cultural e mostrar boa vontade em responder perguntas. Uma criança que formula perguntas está angariando felicidade para a vida.

Afortunada a criança cujos pais podem abandonar ocasionalmente seus afazeres para incentivá-la em divertimentos construtivos e darem algumas horas para o estudo da natureza!

A nossa possessão mais preciosa não é nossos vastos acres de campos não é as fazendas de cultivos; não é nossas florestas; não é nossas minas ou bacias petrolíferas que produzem fabulosas riquezas, nem as fábricas.

Nossas maiores reservas são nossos filhos, nossos jovens, moços e moças, cujos caracteres determinarão em larga escala o futuro da nação.

Querem ter uma nação forte e viril? — então conservem puros seus lares. Querem reduzir a delinqüência e o crime? — eliminem lares desfeitos.

É tempo de a civilização compreender que o lar, em grande parte, determina se jovens serão de elevado ou baixo caráter. Erigir lares, por isso, deverá ser o supremo propósito dos pais e da nação.

Estabeçam e mantenham sempre sua hora familiar. Mantenham-se juntos a seus filhos. Orem, brinquem, trabalhem e tenham culto juntos. Êste é o conselho da Igreja. Sem a mínima hesitação, eu afirmo que minha vida no lar, desde a infância até o presente, têm sido o maior fator em dar-me os padrões morais e espirituais e em configurar o curso de minha vida. Sinceridade, cortesia, firmeza em palavras e em atos, altruísmo, são virtudes dominantes, servindo de

exemplo nas vidas de meus pais e de outros nos dois lares, os de meus pais e o meu próprio, que têm provido segurança e orientação.

Sabem como soletro a palavra lar?

Lealdade

Amor

Respeito

— essas coisas compreendem o espírito no qual as bases da vida e da salvação devem ser ensinadas.

O mais caro patrimônio de um homem é a sua família.

Na afirmação divina de que os laços da família transcendem os limites da morte e continuam pela eternidade, eu encontro inspiração. Quando a união dos que se amam leva o selo do Santo Sacerdócio, ela é tão eterna como o amor, tão sempiterna como o espírito. Tal união está baseada na doutrina da imortalidade e progresso eterno do homem.

JESUS, O CRISTO

O MERIDIANO DOS TEMPOS - CAPITULO VI

A Moisés, com quem o Senhor falou, “cara a cara, como qualquer fala com o seu amigo”,^a foi dado a conhecer a conduta da raça humana, tanto do passado como do futuro; e a vinda do Redentor foi reconhecida por êle como o evento de maior importância entre todos os acontecimentos que seriam testemunhados pela terra e por seus habitantes. A maldição de Deus caiu sôbre os iníquos e sôbre a terra por causa dêles, “porque não queriam ouvir a Sua voz, nem crer em Seu Filho Unigênito, nem mesmo naquele que Êle declarou que viria no meridiano dos tempos, preparado desde antes da fundação do mundo.”^b Nesta escritura aparece a mais antiga menção da expressiva e profundamente significativa designação do período em que Cristo apareceria — o meridiano dos tempos. Se a expressão fôr considerada como figurada, não pode ser esquecido, de forma alguma, que a figura é Jesus Cristo.

O termo “meridiano”, como usado comumente, transmite a idéia de uma divisão principal do tempo ou espaço.^c Assim, os anos e os séculos da história humana são divididos pelo grande evento do nascimento de Jesus Cristo. Os anos precedentes àquela época são agora designados como *Antes de Cristo* (A.C.); enquanto os subseqüentes são especificados como *Ano de nosso Senhor*, em Latim, *Anno Domini* (A.D.) ou *Depois de Cristo* (D.C.).

a. Êxo. 33:11; veja também Núm. 12:8; Deut. 34:10; compare com Moisés 1:2, 11, 31.

b. Moisés 5:57; para menção posterior do “meridiano dos tempos”, veja 6:56-62 e 7:46; e compare D&C 20:26; 39:3.

Portanto, a cronologia do mundo tem sido ajustada e sistematizada com referência ao tempo do nascimento do Salvador; e êste método de calcular é usado em tôdas as nações cristãs. É instrutivo notar que um sistema semelhante foi adotado por um ramo isolado da casa de Israel, trazido da terra da Palestina para o continente ocidental; pois a aparição do sinal prometido entre o povo, pressagiando Seu nascimento, havia sido abundantemente predito por seus profetas. O cálculo nefita dos anos, começando com a saída de Lehi e sua colônia de Jerusalém, foram substituídos pelos anais da nova era.^d

A ocasião do advento do Salvador foi pré-indicada; e o tempo dali em diante especificamente revelado através de profetas autorizados em cada um dos hemisférios. A longa história da nação israelita está repleta de uma sucessão de acontecimentos que praticamente têm seu apogeu na missão terrena do Messias. Para que possamos entender melhor o verdadeiro significado da vida e ministério do Senhor na carne, deve ser dado certo realce à condição política, social e religiosa do povo entre o qual Êle apareceu e com quem viveu e morreu. Tal consideração envolve, no mínimo, uma breve revisão da história antecedente da nação hebraica. A posteridade de Abraão através de Isaque e Jacó cêdo tornou-se conhecida pelo título de israelitas ou filhos de Israel,^e do qual tomaram um orgulho

c. “Meridiano... figuradamente, o ponto mais alto ou culminante de alguma coisa; o zênite; como o meridiano da vida”. — *New Standard Dictionary*.

d. 3 Nefi 2:8; 4 Nefi 1:1, 21; Mórmon 8-6; Moroni 10:1.

imorredor e encontraram promessa inspiradora. Foram assim designados coletivamente durante todo o período dos dias de escuridão de seu cativeiro no Egito;^f assim durante as quatro décadas do êxodo e a volta para a terra prometida,^g e depois no período de sua posteridade como um povo poderoso sob a administração dos juizes e como monarquia unida durante os sucessivos reinos de Saul, Davi e Salomão.^h

Imediatamente depois da morte de Salomão, cêrca de 975 A.C., de acôrdo com a cronologia mais geralmente aceita, a nação se desmembrou com uma revolta. A tribo de Judá, parte da tribo de Benjamim, e poucos remanescentes de algumas tribos permaneceram fiéis ao rei sucessor, e aceitaram Reoboão, filho de Salomão, como rei; enquanto as outras, comumente chamadas as Dez Tribos, quebraram sua aliança com a casa de Davi e fizeram seu rei a Jeroboão, um efraimita. As dez tribos mantiveram o título Reino de Israel embora também fôsem conhecidas como Efraim.ⁱ Reoboão e seus adeptos foram distintivamente chamados o Reino de Judá. Por quase duzentos e cinqüenta anos os dois reinos mantiveram sua autonomia separada; então, por volta de 722 ou 721 A.C., o status independente do Reino de Israel foi destruído, e o povo cativo foi transportado para a Assíria por Salmanezer e outros. Subseqüentemente desapareceram completamente e foram chamadas as Tribos Perdidas. O Reino de Judá foi reconhecido como uma nação durante uns cento e trinta anos depois; então, por volta de 588 A.C., foi subjugado por Nabucodonozor, através de quem se inaugurou o cativeiro da Babilônia. Durante setenta anos Judá estêve em exílio e cativeiro virtual, em consequência de sua transgressão como havia sido predito por Jeremias.^j Então o Senhor amansou o coração de seus captores e iniciou-se sua restauração com o decreto de Ciro, o persa, que conquistou o reino da Babilônia. Foi permitido que o povo hebreu voltasse para a Judéia e entrasse na obra de reconstrução do templo de Jerusalém.^k

Um grande grupo de exilados hebreus, aproveitaram-se dessa oportunidade para voltar às terras de seus pais, embora muitos preferiram permanecer no país de seu cativeiro, escolhendo a Babilônia a Israel. "Tôda esta congregação" de judeus que voltou do exílio na Babilônia era formada de "quarenta e dois mil trezentos e sessenta, afora os seus servos e as suas servas, que foram sete mil, trezentos e trinta e sete; também tinha duzentos cantores e cantoras." O relativamente pequeno tamanho da nação emigrante é mais adiante mostrado pelo registro de seus animais de carga.^m Enquanto os que voltaram lutaram valentemente para reestabelecer-se como a casa de Davi e restituir um tanto de seu prestígio e glória, os judeus nunca mais foram um povo verdadeiramente independente. Pelo contrário, foram oprimidos pela Grécia, Egito e Síria; mas por volta de 164-165 A.C., o povo quebrou, em parte pelo menos, o jugo estrangeiro, como resultado da revolta patriótica liderada pelos macabeus, dos quais o mais proeminente foi Judas Macabeus. O trabalho do

templo, que havia sido praticamente abolido através da interdição do adversário vitorioso, foi restabelecido. No ano 163 A.C., a estrutura sagrada foi rededicada e a alegre ocasião daí em diante foi celebrada com um festival anual, a Festa da Dedicção.^o Durante o reinado dos macabeus, entretanto, o templo caiu quase numa condição de ruína, mas como um resultado da inabilidade do povo reduzido e empobrecido para mantê-lo, que por qualquer declínio do zêlo religioso. Na esperança de assegurar uma medida maior para a proteção nacional, os judeus fizeram aliança desigual com os romanos e eventualmente tornaram-se seus tributários, em cuja condição a nação judaica continuou durante o período do ministério de nosso Senhor. No meridiano dos tempos, Roma era virtualmente dona do mundo. Quando Cristo nasceu, Augusto César^p era imperador de Roma e o Idumeu, Herodes, o Grande, era o vassalo rei da Judéia.

Alguma imagem da autonomia nacional foi mantida pelos judeus sob o domínio romano e suas cerimônias religiosas não sofriam sérias interferências. As ordens estabelecidas no sacerdócio foram reconhecidas e os atos oficiais do conselho nacional, ou Sinédrio,^r eram apoiados pela lei romana; embora os poderes judiciais dêste corpo não se estendiam à imposição da pena capital sem a sanção do executivo imperial. Era política estabelecida em Roma permitir liberdade de culto aos povos tributários e vassalos e os deuses mitológicos, adorados pelos romanos, não eram malditos nem seus altares desrespeitados.

Não é necessário dizer que os judeus não gostavam do domínio estrangeiro, embora durante muitas gerações tivessem sido treinados naquela experiência, seu status reduzido, tendo passado pela vassalagem à escravidão servil. Já há muito tempo eram um povo disperso. Todos os judeus da Palestina no tempo do nascimento de Cristo constituíam apenas uma pequena parte remanescente da grande nação davídica. As Dez Tribos, distintivamente o antigo reino de Israel, estavam perdidas para a história e o povo de Judá largamente disperso entre as nações.

Em suas relações com outros povos os judeus geralmente se esforçaram para manter uma exclusividade soberba, o que atraiu sôbre eles o ridículo dos gentios. Sob a lei de Moisés era requerido que Israel se mantivesse separada das outras nações; davam extrema importância a sua linhagem abraâmica. Como filhos do convênio, "povo santo és ao Senhor teu Deus", que Êle havia escolhido "para que lhe fôsses o seu povo próprio, de todos os povos que sôbre a terra há."^t Judá tinha experimentado os tristes efeitos da libertinagem com as nações pagãs e, no tempo que estamos nos referindo agora, um judeu que se permitisse a uma associação desnecessária com um gentio era um ser iníquo, requerendo um cerimonial de limpeza para o libertar da conspurcação. Os líderes achavam que a única esperança de assegurar a perpetuação da nação era através de isolamento estrito.

Não é exagêro dizer que os judeus odiavam todos os outros povos e eram reciprocamente desprezados e conde-

m. Leia Esdras 2:64-67.

n. "House of the Lord", p. 51-53.

o. Josephus, *Antiquities* xii:6 e 7; 2 Macabeus 2:19; 10:1-8; também João 10:22.

p. Lucas 2:1.

q. Mat. 2:1. Veja nota 3 do capítulo 8.

r. Nota 1, no fim do capítulo.

s. Nota 6, no fim do capítulo.

t. Deut. 7:6; veja também 10:15; Exo. 19:5, 6; Salm. 135:4; Isa. 41:4; compare com 1 Pedro 2:9.

e. Gên. 32:28; 35:10.

f. Exo. 1:1-7; 12:3 etc.

g. Exo. 12:35, 40; 13:19; 15:1; Núm. 20:1; 19, 24 etc.

h. Veja a menção nos livros dos Juizes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis e as referências que nêles aparecem.

i. Isa. 11:13; 17:3; Eze. 37:16-22; Ose. 4:17.

j. Jer. 25:11, 12; veja também 29:10.

k. Esdras 1:1-4; do autor, "House of the Lord", p. 47-53; também Regras de Fé, xvii:1-22.

nados por eles. Manifestavam especial antipatia com relação aos samaritanos, talvez porque este povo persistia em seus esforços de estabelecer certo tipo de parentesco racial. Estes samaritanos eram um povo mestiço, e eram considerados pelos judeus como mestiços, indignos de qualquer respeito. Quando as Dez Tribos foram levadas ao cativeiro pelo rei da Assíria, estrangeiros foram enviados para povoar Samaria.^u Esses casamentos com tais israelitas que escapavam da escravidão; e certa modificação na religião de Israel, incorporavam no mínimo a profissão do culto de Jeová, sobrevivido em Samaria. Os rituais samaritanos eram lembrados pelos judeus como não ortodoxos, e o povo como depravado. No tempo de Cristo a inimizade entre os samaritanos e judeus era tão intensa que os viajantes da Galiléia e Judéia tinham de dar grandes voltas para não passar em Samaria, que ficava no meio. Os judeus não queriam qualquer relação com os samaritanos.^v

O sentimento orgulhoso de auto-suficiência, a obsessão pela exclusividade e separação — um traço que distinguia os judeus naquele tempo — era inculcado desde o colo maternal e enfatizado na sinagoga e na escola. O Talmud^x, que foi escrito depois do ministério de Cristo de forma sistemática, congregava os judeus contra a leitura dos livros de nações estrangeiras, declarando que ninguém que assim ofendesse podia consistentemente esperar favor de Jeová.^y Josephus dá seu apoio a semelhante injunção e registra que a sabedoria entre os judeus significava apenas familiaridade com a lei e capacidade de discernimento.^z A perfeita familiaridade com as leis foi ordenada tão fortemente quanto outros estudos eram desaprovados. Portanto as linhas entre aprendido e não aprendido chegaram a ser rigidamente estabelecidas; e, como consequência inevitável aqueles que eram considerados letrados, ou que se consideravam assim, olhavam com desprezo aos seus companheiros não instruídos como uma classe distinta e inferior¹.

Muito antes do nascimento de Cristo, os judeus tinham deixado de ser um povo unido mesmo em legislação, ainda que a lei fôsse sua principal segurança como meio de manutenção da solidariedade nacional. Quase oitenta anos depois da volta do exílio da Babilônia, e não sabemos quanto tempo antes, eram reconhecidos como homens de autoridade, certos letrados conhecidos como escribas² e honrados como rabinos ou mestres. Nos dias de Esdras e Nehemias estes especialistas na lei constituíam uma classe de renome a quem eram prestadas honras e deferências. Esdras é designado "o sacerdote, o escriba das palavras do mandamento do Senhor e dos Seus estatutos sobre Israel."³ Os escribas daquele tempo faziam serviço valioso sob a liderança de Esdras e, mais tarde, de Nehemias, compilando os escritos sagrados então existentes; e no costume judeu aqueles que eram indicados como guardiões e intérpretes da lei vieram a ser conhecidos como membros da Grande Sinagoga ou Grande Assembléia, a respeito da qual temos pouca informação através dos canais canônicos.

u. 2 Reis 17:24.

v. João 4:9; Lucas 9:51-53. Veja também os primeiros parágrafos do capítulo 13.

x. Nota 2, no fim do capítulo.

z. Bab. Talmud, Sanhedrin, 90.

a. Josephus, Antiquities xx, 11:2.

b. Note o realce dado a esta distinção em João 7:43-49; 9:34.

c. Nota 3, no fim do capítulo.

De acôrdo com os registros talmúdicos, a organização consistia de cento e vinte eminentes homens letrados. O escôpo de sua obra, de acôrdo com a admoestação perpetuada por eles próprios, é expressa: *Sêde cuidadosos no julgamento; reuni muitos homens letrados e fazei com que nada transceda a lei.* Eles seguiram esta ordem com muito estudo e consideração cuidadosa de todos os detalhes tradicionais na administração; multiplicando escribas e rabinos; e, como muitos deles interpretassem o requisito de reunir muitos letrados, escrevendo muitos livros e tratados; fizeram uma parede em tôrno da lei, adicionando numerosas regras, que prescreviam com grande exatidão as regras oficialmente estabelecidas para cada ocasião.

Os escribas e rabinos tinham grande prestígio entre o povo, mais do que os das ordens sacerdotais ou levitas; e os ditados rabínicos tinham precedência às declarações dos profetas, uma vez que os últimos eram considerados apenas mensageiros ou intérpretes, enquanto os eruditos vivos eram por si fontes de sabedoria e autoridade. Tais poderes seculares, como a suserania romana permitia que os judeus retivessem, estavam incluídos na hierarquia, cujos membros podiam tomar para si praticamente tôdas as honras oficiais e profissionais. Como resultado natural desta condição, não havia praticamente distinção entre as leis judaicas civis e eclesiásticas, tanto com relação ao código como à administração. O rabinismo compreendia como elemento essencial a doutrina de igual autoridade da tradição oral rabínica e as palavras escritas da lei. O engrandecimento implicava na aplicação do título "Rabi" e a manifestação de soberba ao receber tal adulação era especialmente proibida pelo Senhor, que se proclamava o único Mestre; e, quanto à interpretação do título "pai", possuído por alguns, Jesus proclamou que não havia senão um Pai, isto é, Aquêle que está no céu: "Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chamais mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo."^e

Os escribas, embora chamados e designados pelo título mais distintivo, rabis, eram repetidamente denunciados por Jesus, em virtude do literalismo morto de seus ensinamentos e a ausência do espírito de retidão e moralidade viril consequente; e em tais denúncias estavam incluídos fariseus e escribas. O julgamento de Cristo com relação a eles é suficientemente expressado por sua invocação destruidora: "Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas!"^f

A origem dos fariseus, isto é, a ocasião e circunstância em que surgiram, não é fixada por autoridade indiscutível; embora seja provável que a facção ou grupo tenha se iniciado em conexão com o retorno dos judeus do cativeiro da Babilônia. Novas idéias e concepções adicionais do significado da lei foram promulgadas pelos judeus que se haviam embuído do espírito da Babilônia; e as inovações resultantes foram aceitas por alguns e rejeitadas por outros. O nome "fariseu" não aparece no Velho Testamento, nem no Apócrifa, embora seja provável

d. Esdras 7:11; veja também os versos 6, 10 e 12.

e. Mat. 23:8-10; veja também João 1:38; 3:2.

f. Mat. 23:13, 14, 15, 23 etc., leia o capítulo inteiro; compare com Marcos 12:38-40; Lucas 20:46; veja também os exemplos de denúncia especial aos fariseus em Lucas 11:37-44. Note ainda que os legisladores, que eram profissionalmente associados com escribas, são incluídos na crítica apresentada nos versos 45-54. Leia também no capítulo 31, o texto do subtítulo "Denunciados os escribas e fariseus iníquos".

que os assídeos, mencionados nos livros dos macabeus^g, sejam os fariseus originais. Por derivação o nome expressa o pensamento de separação; os fariseus, na consideração a sua classe, eram distintamente separados do povo comum, a quem consideravam-se realmente superiores como os judeus em relação a outras nações. Os fariseus e escribas eram um em tôdas as essências da profissão e o rabinismo era especificamente sua doutrina.

No Nôvo Testamento os fariseus são geralmente mencionados em oposição aos saduceus; e tais eram as relações entre as duas facções que torna-se mais simples contrastá-las do que considerar cada uma separadamente. Os saduceus surgiram como uma organização reacionária durante o segundo século A.C., em conexão com um movimento rebelde contra os macabeus. Sua plataforma era a oposição à massa sempre crescente de doutrina tradicional, pela qual a lei não estava apenas sendo limitada ou cercada para segurança, mas sob a qual estava sendo enterrada. Os saduceus apoiavam a santidade da lei escrita e guardada, enquanto rejeitavam todos os preceitos rabínicos, tanto oralmente transmitidos como copiados e codificados nos registros dos escribas. Os fariseus formavam a facção mais popular; os saduceus representavam a minoria aristocrática. No tempo do nascimento de Cristo os fariseus existiam como um corpo organizado contando com mais de seis mil homens, com a simpatia e esforço de mulheres judias;^h enquanto os saduceus eram uma facção pequena e de poder tão limitado que, quando colocados em posições oficiais, geralmente seguiam a política dos fariseus por conveniência obrigatória. Os fariseus eram os puritanos da época, resolutos na intransigência no cumprimento das leis tradicionais, assim como as leis originais de Moisés. Em conexão, observe a confissão de Paulo sobre a fé e prática, quando levado diante de Agripa — “conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu.”ⁱ Os saduceus orgulhavam-se do estrito cumprimento da lei, como a construíram, independente de todos os escribas e rabinos. Os saduceus apoiavam o templo e suas ordenanças prescritas, os fariseus a sinagoga e seus ensinamentos rabínicos. Para ilustração: os saduceus obedeciam a literal e completa exigência da penalidade mosaica — olho por olho, dente por dente^j — enquanto os fariseus punham em dúvida a autoridade da sentença rabínica, considerando que as palavras eram figuradas, e que, portanto, a penalidade poderia ser compensada em dinheiro ou mercadorias.

Os fariseus e saduceus diferiam em muitos aspectos importantes, senão fundamentais, da crença e prática, incluindo-se a preexistência de espíritos, a realidade de um estado futuro, envolvendo recompensa e punição, a necessidade de auto-negação individual, a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos; cada um dos quais os fariseus apoiavam, enquanto os saduceus negavam.¹ Josephus afirma que a doutrina dos saduceus aceitava que a alma e o corpo perecem juntos; a lei era tudo o que estavam preocupados em obedecer.^m Formavam “uma escola cética de tradicionalistas aristocratas; aderindo apenas à lei mosaica.”ⁿ

g. 1 Macabeus 2:42; 7:13-17; 2 Macabeus 14:6.

h. Josephus, *Antiquities* xvii, 2:4.

i. Atos 26:5. Veja também 23:6; Filip. 3:5.

j. Êxo. 21:23-35; Lev. 24:20; Deut. 19:21; compare com Mat. 5:38-44.

1. Nota 4, no fim do capítulo.

m. Josephus, *Antiquities* xviii, 1:4.

n. *New Standard Dictionary*, verbete “saduceus”.

Entre as muitas outras seitas e facções estabelecidas no campo da religião ou diferenças políticas, ou ambos, encontram-se os essênios, os nazaritas, os herodianos e os galileus. Os essênios eram caracterizados pelas profissões de super piedade; consideravam mesmo a rigidez da profissão farisaica como fraca e insuficiente; mantinham sua qualidade de membros em sua ordem com exigências severas que se estendiam através do noviciato; eram proibidos mesmo de tocar em alimentos preparados por estranhos; praticavam rígida temperança e auto-negação, indulgiam em trabalho árduo — preferivelmente o da agricultura e eram proibidos de negociar como mercadores, tomar parte em guerra ou possuir propriedades ou empregar escravos.^o Os nazaritas não foram citados no Nôvo Testamento, apesar de especificamente registrados em escrituras anteriores;^p e através de fontes outras que não as escrituras sabemos de sua existência durante e após o tempo de Cristo. O nazarita era alguém de ambos os sexos, que estava ligado à abstinência e sacrifício por um véu voluntário de dedicação especial a Deus; o período do véu devia ser limitado ou podia durar a vida inteira. Enquanto os essênios cultivavam uma irmandade ascética, os nazaritas devotavam-se à disciplina solitária.

Os herodianos constituíam uma facção político-religiosa que favorecia os planos de Herodes sob a professa crença de que através daquela dinastia apenas o status do povo judeu seria mantido e assegurado um restabelecimento da nação. Encontramos menção dos herodianos, pondo de lado suas antipatias sectárias e agindo de acôrdo com os fariseus, no esforço para condenar o Senhor Jesus e levá-lo à morte.^q Os galileus ou o povo da Galiléia eram distinguidos de seus compatriotas israelitas da Judéia pela maior simplicidade e menor devoção aparatosa em assuntos pertencentes à lei. Eram contrários a inovações, ainda que fôssem geralmente mais liberais ou menos fanáticos do que alguns dos professamente devotados judeus. Eram proeminentes como capazes defensores nas guerras do povo e ganharam reputação por sua bravura e patriotismo. São mencionados em certas ocorrências trágicas durante a vida de nosso Salvador.^r

A autoridade do sacerdócio era reconhecida aparentemente pelos judeus no tempo de Cristo; e a ordem de serviço indicada para o sacerdote e levita era devidamente observada. Durante o reinado de David, os descendentes de Aarão, que eram os sacerdotes herdeiros em Jerusalém, tinham sido divididos em quatro cursos,^s e os trabalhadores dos santuários eram distribuídos por turmas. Representantes de quatro desses cursos voltavam do cativeiro, mas para êstes as ordens eram reconstruídas segundo o plano original. Nos dias de Herodes, o Grande, as cerimônias do templo eram conduzidas com grande exposição e cuidado exterior, como um assunto essencial de consistência com o esplendor da estrutura, que sobrepujava na magnificência todos os santuários anteriores.^t Os sacerdotes e levitas, entretanto, lutavam por serviço contínuo, embora os indivíduos fôssem substituídos em pequenos intervalos,

o. Josephus, *Antiquities* xviii, 1:5.

p. Núm. 6:2-21; Juizes 13:5, 7; 16:17; Amos 2:11, 12. Leia também a nota 1 do capítulo 7.

q. Mat. 22:15, 16; Marcos 12:13.

r. Lucas 13:1, 2; veja também João 4:45; Marcos 14:70; Atos 2:7.

s. 1 Crônicas 24:1-18.

t. Nota 5, no fim do capítulo.

de acôrdo com o sistema estabelecido. No entender do povo os sacerdotes eram inferiores aos rabis e as condecorações de um escriba transcendia em honra as pertencentes à ordenação ao sacerdócio. A religião da época preocupa-

va-se muito com cerimônias e formalidades, rituais e pompa; tinham perdido o real espírito de culto e a verdadeira concepção da relação entre Israel e o Deus de Israel era apenas um sonho do passado.

NOTAS

1. *O Sinedrim* — A côrte suprema ou sumo-conselho dos judeus, tem seu nome derivado do grego *sunedrion*, que significa conselho. O Talmud traça a origem dêste corpo até a chamada dos setenta élderes que Moisés convocou, fazendo setenta e um ao todo, para administrarem como juizes em Israel (Num. 11:16-17). O Sinedrim no tempo de Cristo, e também muito antes compreendia setenta e um membros, incluindo o sumo-sacerdote que presidia na assembléia. Parece haver sido conhecido em seu primeiro período como Senado e ocasionalmente designado assim mesmo, depois da morte de Cristo (Josephus, *Antiquities* xii, 3:3; compare com Atos 5:21.); o nome "Sinedrim" passou a ser usado durante o reinado de Herodes, o Grande; seu equivalente no Nôvo Testamento é "conselho" (Mat. 5:22; 10:17; 26:59.) embora deva ser lembrado que o mesmo termo é aplicado a côrtes de menor jurisdição que o Sinedrim e os tribunais locais. (Mat. 5:22; 10:17; 26:59; Marcos 13:9; veja também Atos 25:12.)

A seguinte citação do *Standard Bible Dictionary* é interessante: "Os qualificados para membros eram em geral da casa sacerdotal e especialmente da nobreza dos saduceus. Mas desde os dias da Rainha Alexandra (69-68 A.C.), havia com êstes sacerdotes chefes também muitos fariseus, com o nome de escribas e anciãos. Estas três classes são encontradas combinadas em Mat. 27:41; Marcos 11:27; 14:43, 53; 15:1. Como êsses membros eram indicados não está muito claro. O caráter aristocrata do corpo e a história de sua origem impedem a crença de que era por eleição. Seu núcleo provavelmente consistia dos membros de certas famílias antigas, para as quais, entretanto, de tempos em tempos eram adicionados outros pelos legisladores seculares. O oficial em presidência era o sumo-sacerdote, que em primeiro lugar treinava mais que a autoridade de membro, reivindicando voz igual à do resto do corpo. Mas depois da mudança do sumo sacerdote de um cargo hereditário para um concedido por um legislador político de acôrdo com sua vontade, e as mudanças freqüentes na função introduzidas pelo nôvo sistema, o sumo-sacerdote perdeu seu prestígio. Em vez de possuir em suas mãos o 'governo da nação', tornou-se um dos muitos a partilhar êste poder; aquêles que tinham servido como sumo-sacerdotes, sendo ainda estimados entre sua nação e perdendo sua função por nenhuma razão que pudesse ser considerada válida pelo sentido religioso da comunidade, exercia grande influência sôbre as decisões da assembléia. No Nôvo Testamento são citados como legisladores (Mat. 26:59; 27:41; Atos 4:5, 8; Lucas 23:13, 35; João 7:26.) e o testemunho de Josephus apoia êste ponto de vista. As funções do Sinedrim eram religiosas, moral e também política. Na última capacidade exerciam funções administrativas como judiciais. Como tribunal religioso, o Sinedrim exercia uma potente influência sôbre todo o mundo judeu (Atos 9:2); mas como côrte de justiça, depois da divisão do país com a morte de Herodes, sua jurisdição foi limitada para a Judéia. Aqui, entretanto, seu poder era absoluto mesmo para dar a sentença de morte (Josephus, *Ant.* xiv, 9:3, 4; Mat. 26:3; Atos 4:5; 6:12; 22:30.), embora não tivesse autoridade para fazer com que se executasse a sentença exceto se fôsse aprovada e ordenada pelo representante do governo romano. A lei pela qual governava o Sinedrim era logicamente a judaica e na execução êste tribunal tinha uma política própria e suspendiam-na quando achassem necessário (Mat. 26:47.)... Enquanto a autoridade geral do Sinedrim se estendia por tôda a Judéia, as cidades do interior tinham conselhos locais próprios (Mat. 5:22; 10:17; Marcos 13:9; Josephus, *B. J.* ii, 14:1) para a administração dos negócios locais. Êstes eram constituídos de anciãos (Lucas 7:3), no mínimo 7, (Josephus, *Ant.* iv, 8:14; *B. J.* ii, 20:5.) e em algumas das cidades maiores vinte e três. Qual a sua relação com o conselho central em Jerusalém não se sabe claramente... Certo tipo de reconhecimento mútuo existia entre êles; pois quando os juizes da côrte local não podiam concordar, parece que levavam seus

casos ao Sinedrim em Jerusalém. (Josephus *Ant.* iv, 8:14; *Mishna*, *Sanh.* 11:2.)"

2. *Talmud* — "O corpo da lei civil e religiosa judaica (e discussão direta ou remotamente relacionada) não compreendia o Pentateúco, comumente incluindo o *Mishna* e o *Gemara*, mas, às vêzes, limitado ao último; escrito em aramaico. Existe em duas grandes coleções, o *Talmud Palestino* e *Talmud da Terra de Israel* ou *Talmud do Oriente*, ou, mais popularmente, o *Talmud de Jerusalém*, incorporando as discussões no *Mishna* dos doutores da Palestina do século segundo até a metade do quinto; e o *babilônico* incorporando os doutores judeus da Babilônia desde o século 190 até o sétimo." *New Standard Dict.* O *Mishna* compreende as porções anteriores do Talmud; o *Gemara* é constituído dos últimos escritos e é uma explicação do *Mishna*. Uma edição do Talmud da Babilônia (editada em Viena em 1682) compreende vinte e quatro tomos. (Geikie)

3. *Rabis* — O título Rabi é equivalente em nossa lingua a doutor, mestre ou professor. Por derivação significa Mestre ou meu mestre, portanto, indicando dignidade e também delicadeza de expressão. Uma explicação definida do termo é dada por João (1:38) e o mesmo significado com explicação é encontrado em Mateus (23:8). Foi aplicado como título de respeito a Jesus em diversas ocasiões (Mat. 23:7,8; 26:25, 49; Marcos 9:5; 11:21; 14:45; João 1:38, 49; 3:2, 26; 4:31; 6:25; 9:2; 11:8.) O título era de comparativamente recente uso no tempo de Cristo, e parece ter caído em uso durante o reinado de Herodes, o Grande, embora mestres anteriores, das classes sem o nome de Rabi, eram geralmente reverenciados e o título lhes foi devolvido por uso posterior. Rab era um título inferior, e Raban superior a Rabi. Raboni expressava o mais profundo respeito, amor e honra (veja João 20:16). No tempo do ministério do Senhor os Rabis eram tidos em grande estima e regozijavam com as aplicações de precedência e honra entre êles. Eram quase todos exclusivamente do poderoso partido fariseu.

A citação a seguir é de Geikie, do livro *Life and Words of Christ*, vol. I, cap. 6: "Se as figuras mais importantes da sociedade da época de Cristo eram os fariseus, era porque eram Rabinos ou mestres da Lei. Como tal recebiam honra supersticiosa, que era, na verdade, o grande motivo, para muitos, para cortejar o título ou unir-se ao partido. Os Rabis eram classificados com Moisés, o patriarca, e os profetas e reivindicavam igual reverência. Jacó e José eram ambos ditos Rabis... O Targum de Jonatan substituiu a palavra 'profeta' onde quer que ocorresse por Rabis ou Escribas. Josephus fala dos profetas da época do rei Saul como Rabis. No Targum de Jerusalém todos os patriarcas são chamados Rabis... Eram mais queridos de Israel que os pais e mães — porque os pais valiam apenas neste mundo (como era então ensinado) e o Rabi para sempre. Eram colocados acima dos reis, pois não está escrito 'Por meu intermédio reinarão os reis'? Sua entrada numa casa trazia uma bênção. Viver ou comer com êles era o maior privilégio... Os Rabis iam ainda mais longe na exaltação de sua ordem. O *Mishna* declara que é maior crime falar qualquer coisa que o menospreze, do que falar contra as palavras da Lei... Ainda que em forma a Lei recebesse honra incomensurável. Todos os ditados dos Rabis deviam ser baseados em algumas de suas palavras, que eram, entretanto, explicadas de sua maneira. O espírito dos tempos, o fanatismo selvagem do povo e sua própria inclinação, tendia também a fazê-los dar valor apenas às cerimônias e exterioridades inúteis, até a completa negligência do espírito dos escritos sagrados. Ainda era mantido que a Lei não precisava de confirmação, enquanto as palavras dos Rabis precisavam. Êles ou seus candidatos aos cargos eletivos preenchiam todos os cargos, desde os mais altos no sacerdócio até os inferiores na comunidade. Eram os sofistas, os mestres, os sacerdotes, os juizes, os magistrados e os médicos da nação... A característica central e dominante do

ensino dos Rabi era o certo advento de um Salvador nacional — O Messias ou Ungido de Deus ou na tradução grega do título, o Cristo. Em nenhuma nação senão a judia tal concepção criou tanta raiz ou mostrou tanta vitalidade. . . Concordavam os Rabis que seu nascimento seria em Belém e que sairia da tribo de Judá.”

Alguns rabis congregaram discípulos e, inevitavelmente, foi manifestada a rivalidade. As escolas e academias dos rabinos eram estabelecidas, cada uma dependendo de sua popularidade na grandeza de algum rabi. A mais famosa dessas instituições no tempo de Herodes I foi a escola de Hillel e a de seu rival Shammai. Mais tarde, a tradição investiu-os com o título “os pais da antigüidade”. Parece pelos assuntos frívolos nos quais os seguidores dessas duas discordavam, que apenas por oposição poderiam ambas manter um status de distinção. Hillel é considerado pai de Gamaliel, o rabi e doutor da lei em cujos pés Saul de Tarsus, depois Paulo, o apóstolo, receberam suas primeiras instruções (Atos 22:3.) Pelos registros históricos de seus pontos de vista, os princípios e crenças advogados pelas escolas rivais de Hillel e Shammai, parece que a primeira defendia um maior grau de liberalidade e tolerância, enquanto a última enfatizava uma interpretação rígida e possivelmente restrita da lei e tradições a ela associadas. A dependência das escolas dos rabinos na autoridade da tradição é ilustrada por um incidente registrado quanto ao efeito que mesmo o prestígio do grande Hillel não assegurou contra tumulto, quando uma vez falou sem citar precedente; apenas quando adicionou que assim seus mestres Abtalion e Shemajah haviam dito é que o tumulto cessou.

4. *Os saduceus negam a ressurreição* — Como estabelecido no texto, os saduceus formaram uma associação numericamente pequena comparada com a mais influente e popular dos fariseus. Nos Evangelhos dos fariseus são frequentemente mencionados e muito comumente em conexão com os escribas, enquanto os saduceus são com menos frequência nomeados. Nos Atos dos Apóstolos, os saduceus aparecem em geral como oponentes à Igreja. Esta condição era indubitavelmente devida à proeminência dada à ressurreição dos mortos entre os temas das pregações apostólicas, os doze continuamente prestando testemunho da real ressurreição de Cristo. A doutrina dos saduceus negava a realidade e possibilidade de uma ressurreição corporal, a discordância repousando, principalmente, em que Moisés, que era considerado como supremo legislador em Israel, e o chefe intérprete de Jeová, não tinha escrito nada sobre a vida depois da morte. A citação a seguir é tirada do *Dictionary of the Bible*, de Smith, verbete “saduceus”, que fala sobre o assunto: “A negação da ressurreição do homem depois da morte prosseguiu na concepção dos saduceus como uma conclusão lógica de sua negação de que Moisés tinha revelado aos israelitas a lei oral. Pois sobre um assunto tão oportuno como a segunda vida além da sepultura, nenhum partido religioso entre os judeus aceitava qualquer doutrina como regra de fé, a menos que tivesse sido proclamado por Moisés, seu grande legislador; e é certo que na Lei escrita do Pentatêuco há uma ausência total de qualquer menção de Moisés da ressurreição dos mortos. Este fato é apresentado aos cristãos de maneira vibrante pelas conhecidas palavras do Pentatêuco, citadas por Cristo em discussão com os saduceus sobre este assunto. Exo. 3:6, 16; Marcos 12:26, 27; Mat. 22:31, 32; Lucas 20:37.) Não pode haver dúvida de que em tal caso Cristo citaria a seus poderosos adversários o texto mais convincente da Lei; e ainda o texto realmente citado não dá senão apenas uma inferência sobre esta grande doutrina. É verdade que passagens em outras partes do Velho Testamento expressam uma crença na ressurreição (Isa. 26:19; Dan. 12:2; Jó 19:26; e em alguns dos Salmos) e pode em primeira mão ser motivo de surpresa que os saduceus não se convenceram com a autoridade daquelas passagens. Mas ainda que os saduceus considerassem sagrados os livros que continham essas passagens, é mais que duvidoso que qualquer judeu as considerasse sagradas precisamente no mesmo sentido em que a Lei estava escrita. Para os judeus Moisés era e é colossal, proeminente autoridade sobre todos os profetas subseqüentes.”

5. *O templo de Herodes* — “O propósito de Herodes em seu grande empreendimento (a restauração do templo e ampliação num plano de magnificência sem precedentes) era engrandecer a si e à nação antes de render uma homenagem

a Jeová. Sua proposição para reconstruir ou restaurar o templo numa escala de crescente magnificência era considerada suspeita e recebida com desfavor pelos judeus, que confiavam que aquele era o edifício antigo demolido, o monarca arbitrário deveria abandonar seu plano e o povo ficar sem templo. Para aquietar esses médos o rei prosseguiu a reconstrução e restauração do velho edifício, parte por parte, dirigindo a obra de tal maneira que em nenhuma ocasião foi interrompida seriamente. Foi mantido um pouco da estrutura antiga, ainda que devesse o Templo de Herodes parecer uma criação nova. A obra começou cerca de dezesseis anos antes do nascimento de Cristo; e enquanto a Casa Santa se completou dentro de um ano e meio, esta parte da obra tendo sido realizada por um corpo de mil sacerdotes especialmente treinados para tal propósito, a área do templo foi cena de operações de construção ininterruptas até o ano de 63 A.D. Lemos que no templo do ministério de Cristo o templo tinha quarenta e seis anos de construção; e naquele tempo não estava terminado.

“O registro bíblico dá-nos pouca informação a respeito deste último e dos maiores dos templos da antigüidade; pois o que sabemos sobre eles devemos principalmente a Josephus, com algum testemunho corroborativo encontrado no Talmud. Em tôdas as essências a Casa Santa, ou templo, era semelhante às duas antigas casas de santuário, embora externamente muito mais elaborada e imponente que ambas; mas quanto às côrtes circundantes e os edifícios associados, o templo de Herodes superava preeminentemente. . . Sua beleza e grandiosidade estava mais na excelência da arquitetura que na santidade de seu culto ou na manifestação da presença Divina dentro de suas paredes. Seu ritual e serviço eram em grande parte prescritos pelos homens; pois enquanto a Lei Mosaica era aparentemente observada, a lei tinha sido suplementada e em muitos fatores suplantada pela regra e prescrição sacerdotais. Os judeus declaravam que a consideravam santo, e proclamavam-na como a Casa do Senhor. Ainda que destituída dos divinos acompanhamentos dos antigos altares aceitos por Deus e profanada como era pela arrogância e usurpação sacerdotal, como também pelo interesse egoísta do comércio e meio de vida era, não obstante, reconhecida mesmo pelo nosso Senhor, o Cristo, como a Casa de Seu Pai. (Mat. 21:12; compare com Marcos 11:15, Lucas 19:45.) . . . Trinta anos ou mais depois da morte de Cristo, os judeus continuavam a obra de adição e embelezamento dos edifícios do templo. O desenho elaborado concebido e projetado por Herodes tinha sido praticamente completado; o templo estava quase terminado e, logo depois, pronto para ser destruído. Seu destino havia sido predito pelo próprio Salvador.” — do autor, *House of the Lord*, pp. 54-61.

6. *Estado do mundo no tempo do nascimento do Salvador* — No começo da era cristã, os judeus, junto com muitas outras nações, estavam sujeitos ao império romano. Era-lhes geralmente permitido um considerável grau de liberdade na manutenção de suas observâncias religiosas e costumes nacionais, mas seu status estava longe do de um povo livre e independente. O período foi de paz — um tempo marcado por menos guerras e dissensões que o império havia conhecido por muitos anos. Essas condições eram favoráveis para a missão de Cristo e para o estabelecimento de sua Igreja aqui na terra. Os sistemas religiosos existentes no tempo do ministério terreno de Cristo podem ser classificados, de uma maneira geral, como judeu e pagão, com um sistema menor — o samaritano — que era essencialmente uma mistura dos outros dois. Os filhos de Israel sôzinhos proclamaram a existência do Deus vivo e verdadeiro; só eles visavam o advento do Messias, que erradamente esperavam como um conquistador, vindo para oprimir o inimigo e suas nações. Tôdas as outras nações, línguas e povos, curvavam-se para os deuses pagãos e seu culto compreendia nada mais que ritos sensuais de idolatria pagã. O paganismo era uma religião formal e cerimonial, baseada no politeísmo — uma crença na existência de uma multidão de deuses, os quais estavam sujeitos a tôdas as paixões e vícios da humanidade, embora distinguidos pela imunidade da morte. Moralidade e virtude eram desconhecidas como elementos de idolatria; e a idéia dominante no culto pagão era a de propiciação dos deuses, na esperança de afastar sua ira e obter seu favor. — Veja do autor, *A Grande Apostasia*, I:2-4, e notas que seguem o capítulo citado.

A Missão Divina Designada ao Profeta Joseph Smith

Bruce R. McConkie
do Primeiro Conselho
dos Setentas

Ao aproximar-se o tempo em que seria anunciada esta grande dispensação dos últimos dias — a dispensação em que o Senhor determinou restaurar novamente as verdades da salvação eterna dos homens — colocou Joseph Smith, o futuro profeta, em circunstâncias em que se defrontava com uma nuvem de rivalidade religiosa. “Em meio a esta guerra de palavras e tumulto de opiniões”, Joseph ouviu vários ministros proclamarem sistemas de salvação incompatíveis. Alguns diziam: “Cristo está aqui”, outros “Eis que está ali”.

Defrontando essa confusão o jovem, que tinha sido preparado para sua missão durante toda a eternidade; que se havia sentado com Abraão e Adão no conselho da preexistência; que tinha a exata estatura espiritual e era o único preordenado a proclamar esta grande obra — este homem leu no livro de Tiago: “E se algum

de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”. (Tiago 1:5.)

Joseph Smith disse que nenhuma outra passagem havia tocado o coração de qualquer homem, como esta tocou o seu, naquela ocasião. O Espírito do Senhor estava trabalhando com êle e preparando-o para receber a grande visão que estava próxima a acontecer.

Depois de ouvir os ministros concluiu que não havia possibilidade de resolver sua dúvida quanto a qual dentre todas as igrejas era a certa, “pois todos os mestres das diferentes seitas religiosas entendiam as mesmas passagens tão diversamente, que chegavam a destruir toda a confiança em recorrer à Bíblia para resolver a dúvida”. No devido tempo, sendo guiado pelo Espírito, retirou-se para um lugar apropriado e recluso para perguntar a Deus qual dentre as igrejas estava certa e a qual deveria se unir. Em suas palavras, ocorreu da seguinte maneira:

“Por fim, cheguei à conclusão de que devia permanecer nas trevas e confusão ou fazer como Tiago ensina, isto é, pedir a Deus. Finalmente, resolvi pedir a Deus”, concluindo que, se Êle dava sabedoria aos que necessitavam dela, e a dava liberalmente e não a lançava em rosto, eu podia aventurar-me.

...vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente...

...Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo esplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um d'Êles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando para o outro: “Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O”.

Meu objetivo ao me dirigir ao Senhor foi saber qual de todas as seitas era a verdadeira, a fim de saber a qual unir-me. Portanto, tão logo voltei a mim o suficiente para poder fa-

lar, perguntei aos Personagens que estavam na luz acima de mim, qual de todas as seitas era a verdadeira, e a qual deveria unir-me.

Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas; e o Personagem que Se dirigiu a mim disse que todos os credos eram uma abominação à Sua vista; que todos aqueles Mestres eram corruptos; que: “Êles se chegam a Mim com os seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; êles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o Meu poder”.

Também proibiu que me unisse a qualquer delas; e muitas outras coisas me disse que não posso, no momento, escrever... (Joseph Smith 2:13-20.)

Mas numa outra ocasião foi permitido ao Profeta escrever uma destas outras coisas. Foi-lhe dito, com efeito, que se êle permanecesse fiel e firme seria instrumento nas mãos do Senhor para restaurar o evangelho eterno.

Êle tornou-se tal instrumento; recebeu revelação mais revelação; os ministros divinos o visitaram; chaves e poderes, direitos e prerrogativas foram restauradas, até que fosse restabelecido o evangelho em sua plenitude, o que significa que tudo havia sido restaurado e era necessário para permitir que os homens ganhassem plenitude de exaltação. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi estabelecida e o poder de Deus novamente manifestado aos homens na terra.

Acredito que a maior dúvida quanto ao reino espiritual hoje seja: Joseph Smith foi chamado por Deus? Êle, de fato, recebeu as revelações que dizemos ter recebido? Se êle foi chamado por Deus, se o Pai e o Filho apareceram a êle, se os céus foram abertos e a Igreja e o reino de Deus estabelecidos novamente na terra, fazendo dêle Seu instrumento, então todos os homens podem encontrar salvação em virtude da vinda dêste reino, aprendendo por si mesmos sobre a divindade dessa obra e atentando aos preceitos que são ensinados aqui?

Mas se Joseph Smith não foi chamado por Deus, então esta causa que defendemos e estas proclamações que fazemos, são a maior imposição e fraude já promulgadas em nome da religião em toda a história do mundo.



Desenho do Profeta orando.

Se esta causa não é verdadeira, estamos em pior condição que as igrejas decaídas, porque nossa proclamação é que o reino de Deus foi estabelecido na terra e que está destinado a crescer e progredir e a fazer em pedaços todos os outros reinos até que encha toda a terra.

Assim, suponho que qualquer pesquisador da verdade no mundo, toda pessoa com inclinação espiritual, deve procurar saber se Joseph Smith foi chamado por Deus e se a mão do Senhor está nesta obra. Sugiro que tenhamos um padrão diante de nós, que mostre efetivamente como os homens podem chegar a obter um pleno conhecimento da divindade desta obra.

Na dispensação que precedeu esta, no dia em que nosso Senhor ministrou entre os homens; chamou os apóstolos e profetas; enviou missionários; estabeleceu os alicerces da grande religião cristã em seu tempo e tornou pública a esplêndida mensagem; a dúvida era: O Senhor Jesus se levantou dos mortos? É este homem, este humilde nazareno, de fato o Poderoso Jeová?

A mensagem de que Cristo se levantou dos mortos, que aboliu a mor-

te e "...trouxe luz à vida e a corrupção pelo evangelho" (2 Tim. 1:10), foi levada pelos missionários antigos. Fizeram-no declarando com simplicidade e clareza as doutrinas do evangelho que haviam sido dadas. Faziam-no citando as escrituras antigas, indicando as obras que o Senhor tinha feito na carne, êle havendo dito que as suas obras prestavam testemunho dêle; e então terminavam sua mensagem prestando seu testemunho de que Deus lhes tinha revelado a divindade da obra. Alguns dêles eram capazes de se colocar de pé e dizer que haviam visto com seus olhos e sentido com suas mãos, e que sabiam da realidade do Senhor Ressurreto; e todos êles eram capazes de testificar, que sabiam por revelação do Espírito Santo, que o evangelho que estava sendo pregado por êles era verdadeiro e que Jesus era o Senhor.

Êste é o mesmo sistema que existe atualmente. Temos no mundo agora 12.000 missionários nas várias nações, pregando o que chamamos mensagem da restauração; anunciando a abertura dos céus, que Deus falou; pregando a paternidade divina de Cristo; proclamando que há apóstolos vivos e profetas na terra. E saem le-

vando a mensagem de salvação precisamente da mesma maneira que os apóstolos e profetas e missionários antigos. Saem e anunciam as doutrinas de salvação; pregam-lhes em simplicidade e clareza; citam as revelações antigas; conversam com o povo e mostram que essas coisas foram preditas; mostram os frutos do profeta, a obra que realizou, pois os frutos do homem prestam testemunho. Então, depois disto, terminam prestando seus testemunhos de que Deus revelou-lhes a divindade da obra.

Ainda que sejam fracos, simples e humildes na terra, com o Espírito do Senhor como seu companheiro, não temem a face do homem e saem sem medo, proclamando Cristo como Filho Divino de Deus e Joseph Smith como seu profeta nesta época. Como resultado, os honestos de coração, aquêles que têm inclinação para a espiritualidade, os justos, os bons, as melhores pessoas entre as nações da terra, ouvem o testemunho que prestam e sentem também o desejo de se reunir no reino de Deus.

Você pode argumentar ou discutir as escrituras; você pode explicar as obras que são realizadas pelos profe-



Este desenho representa o Profeta quando estudava as Escrituras.

tas e dizer que foram feitas por êste ou aquêlo poder. Mas você não pode argumentar com um testemunho; pois não há tal possibilidade; não há defesa contra um testemunho, que reside no coração daqueles que testificam a divindade da obra.

Posso ficar nestas congregações da terra e raciocinar com o povo sem usar revelações. Posso citar as escrituras antigas. Posso comentar provas, evidências e frutos, como o Livro de Mórmon, que fluíram do ministério de Joseph Smith. Quando faço isto, se a pessoa não tem inclinação espiritual, pode argumentar, discutir, tentar explicar e confundir as coisas. Mas, depois de tudo, tendo preparado o palco, tendo estabelecido os alicerces, digo à pessoa: "Em adição, a essas evidências recebi revelação, pelo poder do Espírito Santo, dizendo-me que êste trabalho dos últimos dias é verdadeiro. Presto testemunho de que Deus falou nestes dias. Se você atentar para minha voz de admoestação, investigar e aprender por si mesmo, também poderá vir a conhecer a divindade do trabalho" — se prestar tal testemunho, êsse mesmo testemunho permanecerá contra os que o ouvirem no dia do julgamento que será presidido pelo Todo-poderoso.

Qualquer investigador, no devido tempo, defronta a mesma situação em que Joseph Smith estêve. Ouve a admoestação: "Cristo está aqui" e "Eis que está ali". Ele deve decidir sozinho qual de tôdas as igrejas é certa e a qual deve se unir. Em sua dúvida deve encontrar a verdade. E assim, aprendendo a doutrina e ouvindo o testemunho, a obrigação fica totalmente com êle de fazer o que fizeram os antigos, isto é, pedir a Deus sabedoria.

De acôrdo com a fé com que pergunta, o Poderoso revelará a êle que esta grande obra dos últimos dias é verdadeira. Quando chegar a sentir em seu coração que a obra é verdadeira, então, se tem integridade espiritual, força e coragem para viver em harmonia com os padrões do evangelho, rejeitará o mundo, como milhares o fazem, virá para a Igreja; encontrará a paz, alegria, satisfação e felicidade desta vida; e traçará um curso que eventualmente o levará à eterna exaltação nas mansões do alto, que, eu oro, possam ser preenchidas por todos nós e outros homens honestos que são pesquisadores da verdade e que estão no mundo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Leiamos o Livro de Mórmon

A. Hamer Reiser

Aventuras fascinantes e revelações inspiradoras você encontrará no Livro de Mórmon se o ler da seguinte maneira:

1. Notando que é dividido em mais ou menos 12 partes iguais. (1) páginas 1-67; (2) 67-136; (3) 136-164; (4) 164-237; (5) 237-291; (6) 292-330; (7) 330-283; (8) 383-431; (9) 431-476; (10) 477-543; (11) 544-570; (12) 571-622.

2. Lendo uma parte por dia, a fim de completar a leitura dentro de duas semanas.

3. Começando primeiramente com o objetivo de ter uma visão da história — cronologia — e dos eventos, preocupando-se apenas com os fatos. Desta vez, passando por cima de tudo o mais. Não perdendo muito tempo em procurar entender os pequenos detalhes.

4. Em seguida iniciando novamente a leitura e, desta vez, procurando e marcando cada referência a Jesus Cristo ou qualquer equivalente, como: Filho de Deus, o Messias, Emanuel, Salvador, Redentor, Cordeiro de Deus, assim como tôdas as outras passagens encontradas que se refiram claramente a êle, mesmo que seja na forma pronominal.

5. Tendo completado a segunda leitura, leia novamente prestando atenção e marcando tôdas as passagens onde há exposições de doutrina, princípios, ordenanças e quaisquer outras idéias que relacionem a isso.

Se você fizer assim, com propósito resoluto e persistente, como as pessoas de caráter empreendem qualquer obra, você fará as mais brilhantes descobertas.

Então, você saberá porque o Livro de Mórmon foi de grande importância



para a Restauração do Evangelho de Jesus Cristo. Você também entenderá a razão de o Livro de Mórmon ser um companheiro amigável e adequado da Bíblia.

Ademais, você amará o Senhor Jesus Cristo com mais fervor, firmeza e ansiedade. Saberá que êle é, na verdade, o Cristo, o Filho do Deus Vivo, e reconhecerá, indubitavelmente, que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus.

Concordará com as dezenas de milhares de outros que estas coisas são verdadeiras e que o Livro de Mórmon foi dado para a humanidade nestes importantes dias da história da terra, através do dom e poder de Deus pelo Seu profeta moderno.

E' ainda aceitará de todo o coração que Joseph Smith, o instrumento humano nas mãos do Senhor na restauração do Livro de Mórmon, é verdadeiramente um profeta de Deus.

Leia o Livro de Mórmon atentamente desta maneira e em um mês e meio você terá, com certeza, se enriquecido para sempre.





USE SEMPRE O PODER DA ORAÇÃO E DO SACERDÓCIO

por ÉLDER MATHEW COWLEY

Quero prestar meu testemunho de que Deus pode trabalhar através de seu Sacerdócio e que realmente o faz. Sei-o sem sombra de dúvida...

Há poucas semanas atrás fui chamado ao Hospital Geral do Condado de Salt Lake, Utah, por uma senhora. Não a conhecia. Disse ela que seu filho estava quase morrendo de polio e perguntou se eu podia ir até lá para dar-lhe uma bênção. Levei comigo

um jovem bispo, que geralmente me acompanhava, pois achava que sua fé era maior que a minha. Fomos lá e encontramos o menino num pulmão de aço, inconsciente, sua face muito pálida, com um tubo na garganta. Disseram que tinha um outro no abdômen. Havia vindo de uma comunidade vizinha.

A mãe disse-me: "Este menino é diferente. Não por ser meu filho; mas

êle é diferente." Acho que o garoto tinha oito ou nove anos. Depois que nos puseram a máscara, entramos e abençoamos o menino. Foi quando eu senti, ao pôr as mãos sobre a cabeça do pequeno, que êle era um garoto diferente e que tinha fé. Tendo fé em sua fé, abençoei-o para que se restabelecesse. Não ouvi nada mais dêle até o próximo sábado. Estava indo a Murray para uma conferência; parei no hospital e perguntei se podia vê-lo.

A enfermeira respondeu: "Sim. Vá até a sala de estar."

Quando eu caminhei até a sala vero o menino correndo ao meu encontro. Pulou para me abraçar e perguntou: "Você é o irmão Cowley?"

Eu respondi: "Sim".

— "Quero agradecer-lhe pela oração. Eu estava inconsciente, não?"

— "Estava sim."

— "Por isso é que não reconheci você. Venha até o meu quarto que quero falar-lhe."

Era mesmo um menino diferente. Entramos no quarto. Êle ainda tinha um tubo em sua garganta. Eu perguntei: "Por quanto tempo você tem que ficar com êsse tubo?"

Êle disse: "Duas semanas. Depois vou ficar bom. Que tal uma outra bênção?"

— "Certamente". E abençoei-o novamente.

— "E meu companheiro de quarto?" (Êle tinha como companheiro de quarto um rapazinho de 16 ou 17 anos de idade.)

— "O que você quer dizer com isso?"

Disse o menino: "Não vá embora sem o abençoar. Êle é meu companheiro."

Eu respondi: "Evidente." Então perguntei ao rapaz se queria uma bênção.

E Êle disse: "Sim, eu sou mestre no Sacerdócio Aarônico no ramo perto de casa."

Eu o abençoei e então meu pequeno amigo trouxe mais um companheiro.

Se não acreditarmos como as crianças, não podemos receber estas bênçãos. Precisamos ter a fé de uma criança para acreditarmos nestas coisas, especialmente quando chegamos à idade colegial em que nossas mentes se enchem de ceticismo e dúvida. Acho que há algumas coisas das quais devemos duvidar. Mas podemos nos tornar como as crianças. Milagres são comuns...

Há pouco mais de um ano um casal veio ao meu escritório com um menino no colo. O pai disse-me: "Minha esposa e eu temos jejuado por dois dias e trouxemos nosso filho para ser abençoado e fomos mandados a você." Perguntei o que ele tinha e me disseram que o menino havia nascido cego, surdo e mudo. Não tinha coordenação muscular e não podia nem gatinhar aos cinco anos.

Pensei comigo: "Não será possível sem jejum e oração."

Tive fé no jejum e nas orações daqueles pais. Abençoei aquela criança e há poucas semanas atrás recebi uma carta: "Irmão Cowley, gostaríamos que você viesse ver nosso pequeno. Ele está engatinhando. Quando rolamos uma bola no chão ele corre atrás dela. Ele encheriga. Quando batemos palmas atrás de sua cabeça ele pula. Também já ouve."

A ciência médica havia desistido. Mas Deus lançou mão. O pequeno estava se recuperando rapidamente; ou, na realidade, atingindo um desenvolvimento que não tinha conseguido no passado...

Certo dia fui a um hospital na Nova Zelândia para abençoar uma senhora que não pertencia à Igreja. Ela estava morrendo. Todos sabíamos. O médico havia confirmado. Estava recebendo a festa de despedida.

Esse é um costume dos nativos que eu gosto. Quando a pessoa morre lhe fazem uma festa de despedida. Todos se reúnem. Envia mensagem para o outro lado, como:

"Quando você chegar lá, diga a mamãe que estou tentando fazer o melhor; não sou bom, mas estou realmente procurando melhorar."

"Diga-lhe que prepare uma acomodação para mim quando eu for para lá — muito peixe, boas refeições."

É interessante a maneira pela qual se despedem dos mortos. Estavam todos lá reunidos ao redor da mulher. Estava tuberculosa dos pés à cabeça. Ao meu lado tinha um nativo de quase noventa anos, seu tio.

Ele voltou-se para mim e disse: "Você não acha que seria interessante que nos ajoelhássemos e orássemos?"

Eu disse: Sim." E nós nos ajoelhamos. E todos os outros também. Depois de havermos orado, abençoamo-la. Da última vez que estive em Nova Zelândia, ela tinha cinco filhos. Estava fisicamente bem e não havia se tornado membro da Igreja ainda. Esse era o outro milagre pelo qual eu estava esperando.

Fui chamado certa vez a uma casa

numa pequena vila na Nova Zelândia. As irmãs da Sociedade de Socorro estavam preparando o corpo de um de nossos santos. Haviam-no colocado em frente da grande casa, como eles chamam — a casa onde o povo vai para chorar e prantear os mortos — quando entrou o irmão do morto e disse: "Administre-o."

E os jovens nativos disseram: "Mas porquê? Ele está morto!"

"Abençoe-o", disse o irmão.

Este mesmo homem estava comigo quando abençoei sua sobrinha doente. O nativo mais jovem ajoelhou-se e ungiu este homem. Então aquele senhor idoso abaixou-se e abençoou-o e ordenou que se levantasse. Vocês deveriam ter visto a emoção das irmãs da Sociedade de Socorro.

Então o morto levantou-se e disse: "Chame os élderes, porque eu não me sinto muito bem."

Dissemos-lhe que acabava de ser administrado ao que retorquiu: "Ah, então foi isso".

— "Eu estava morto e sentia que a vida voltava como quando uma nuvem que se espalha."

Noutra ocasião, estava em baixo, nos aposentos índios, quando encontrei uma irmã que há pouco havia entrado para a Igreja, uma bela mulher Navaho... Depois de passar por ela um dos missionários chamou-me de lado e disse: "Há poucos meses atrás meu companheiro e eu fomos a certa maloca e aquela irmã estava deitada no chão em uma pele de car-

neiro. Ela estava ali há seis longos anos. Chamamo-la e, quando estávamos saindo, ela nos chamou de volta e disse num inglês pobre: "Há alguma coisa que vocês podem fazer por uma pessoa doente?"

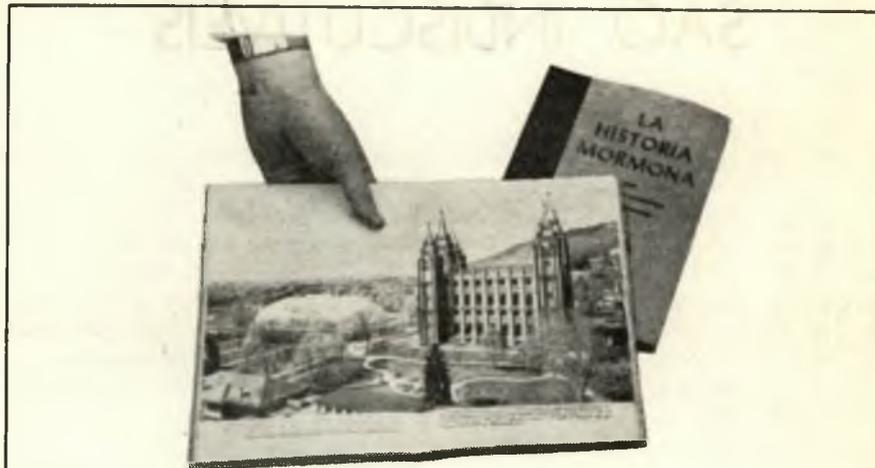
E respondemos "sim."

E ela disse: "Por favor, façam-na para mim."

Então nos ajoelhamos e a administramos, pela autoridade do Sacerdócio e em nome de Jesus Cristo. Então saíram e não tinham andado ainda 50 metros quando a mulher saiu na porta da maloca e nos chamou, dizendo: "Voltem e vejam o que vocês fizeram para mim." Ela estava andando.

Deus realmente tem controle de todos estes elementos. Você e eu podemos também tentar obtê-lo, e se for vontade de Deus, poderemos trazer esses elementos sob nosso controle para os propósitos divinos.

Sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que Joseph Smith foi um profeta de Deus. E se já houve um milagre na história da humanidade esse milagre é esta Igreja que está crescendo e atingindo a sua presente grandeza na terra. Que vocês todos tenham um testemunho particular de que Joseph Smith foi um profeta; que Deus usou-o para realizar seus propósitos nesta Dispensação da Plenitude dos Tempos. Que sempre sejamos leais, devotados e simples em nossa fé, oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



Este livro de Rullon Howells
não pode faltar em sua
biblioteca religiosa. Peça-o hoje
mesmo ao Almoarifado da Missão Brasileira

Cr\$ 1.700,00



Sõmente a fé e o testemunho podem entender a magnificência de Deus.

O TESTEMUNHO E A FÉ SÃO INDISCUTÍVEIS

por HENRY EYRING

Quanto mais tento desvendar os mistérios do mundo em que vivemos, mais chego à concepção de um único poder dominante — Deus. Pode-se chegar a êsse ponto de vista orando e procurando testemunho do Espírito Santo ou concluindo que não existe outra explicação para a unidade e maravilha do universo, ou, ainda, pelo pragmático método da ciência que o Salvador sugeriu há muito — tentem-no e terão conhecimento.

Têm-me perguntado muitas vêzes: “Dr. Eyring, como cientista, como pode aceitar uma religião revelada?” A resposta é simples. O evangelho nos conduz exclusivamente à verdade. Os mesmos testes pragmáticos aplicáveis à ciência são aplicáveis à religião. Tentem-no. Será que funciona?

A concepção de um Deus regendo o universo e de como isso funciona me é impossível sem o corolário de que Ele está interessado no homem — o mais marcante fenômeno do mundo. Estando interessado no homem é natural acreditar que teria preparado um plano para o seu aperfeiçoamento e felicidade. Êsse plano é o evangelho de Jesus Cristo.

Isso de imediato provoca muitas perguntas. Enfin, os homens são fracos e imperfeitos. O Salvador permanece como o único perfeito. Quando alguém aponta a astúcia de algum crente e se pergunta como isso pode ser possível, há uma resposta óbvia. Se não fôsse o evangelho, seria bem pior. O evangelho é, deveras, o plano que o Criador do universo divisou

para, por seu intermédio, guiar seus filhos e trazê-los de volta a Si. Através dos tempos, entre seus filhos dignos, tem escolhido profetas para atuar como seus guias. Atualmente a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é presidida por homens bons e sábios, que instruem e orientam a todos que tem a sabedoria de atentar enquanto em busca da boa vida.

No grande conselho uma transcendental decisão foi tomada, de que o homem teria seu livre arbítrio. Isso trouxe consigo diversos problemas interessantes, já que os filhos do Senhor constantemente tomam decisões imprudentes com resultados trágicos. Guerra e catastrofes para algumas pessoas são tomadas como evidencia da não existencia de um Deus ou, então, de Sua total indiferença pelos males que vem sobre a humanidade. Eu penso que isso deve ser considerado sob uma luz completamente diferente. Lúcifer prometeu trazer salvação a qualquer um, se quizesse ou não. Ditadores têm procedido da mesma forma desde tempos memoriais, e nunca houve um proposito mais firme de eliminar o livre arbítrio do homem do que no atual mundo comunista, onde apenas um por cento do povo governa por meio do terror. Essa não intervenção em assuntos humanos não é um sinal de Sua indiferença ou desinteresse. Pelo contrário, isso exemplifica uma de Suas maiores dádivas, o livre arbítrio, que nos capacita a conquistarmos nossa salvação individual. Se Lúcifer estivesse governando o mundo, ninguém poderia duvidar de sua presença.

Há nisso um argumento inter-relacionado que me interessa. Vê-se pessoas boas serem ceifadas pela morte na flor da juventude. Isso me dá evidencia de uma vida após a morte. É impossível conciliar essa descontinuidade com qualquer idéia que não seja a de que viveremos novamente e, em consequência, tudo quanto perdemos através de falha contra a nossa vontade, nos seja restituído por um Deus de justiça.

O maravilhoso plano do evangelho como o que foi defendido pelo Salvador na preexistência, conhecido pelos seus profetas desde a antiguidade, e por Ele mesmo tornado conhecido durante Seu próprio ministério, foi novamente restaurado pelo Profeta Joseph Smith, e com êle temos um racional entendimento da

vida. Progresso eterno, como resultado de escolhas sábias, e geral uso de nosso livre arbítrio explicam completa e satisfatoriamente êste mundo em que vivemos e as provações que somos solicitados a suportar. O sucesso do homem em enviar satélites artificiais ao espaço evidencia a grande capacidade e destino do homem, como filho espiritual de Deus.

Eu, por mim, como homem humilde, instruo outros. Sou dado como cientista e a única coisa que concerne a um cientista é que êle simplesmente espera que a verdade prevaleça, porque é a verdade. E não se preocupa muito com as reações que vêm do coração. O fato é, e, de fato, ninguém poderá negar, que se algo está errado, nada o pode salvar, e se está certo, não pode ser aperfeiçoado.

Assim é com o evangelho. Eu tive o privilégio de servir numa conferência, integrando o grupo com mais quatro de meus irmãos e irmãs, onde aceitamos responder às perguntas que a juventude quizesse fazer-nos. Uma dessas perguntas foi endereçada diretamente a mim. O jovem disse: "No colégio somos ensinados sôbre o homem pré-Adâmico e coisas que tais, mas, ouvimos coisas diferentes na Igreja. Como devo proceder neste caso?"

Penso que dei a resposta certa: "Nesta Igreja você unicamente deve crer na verdade. Procure o que a verdade é!"

Se houver alguém tentando ensinar alguma coisa diferente com alguma

autoridade, esta Igreja não se sente preocupada, no mínimo que seja, sôbre isso, ou qualquer outra coisa de natureza questionável, porque a Igreja está comprometida unicamente com a verdade. Não pretendo dizer que, dentro da Igreja individualmente, cada qual, conheça a verdade real, mas, temos a humildade de algumas vezes não termos resposta para essas coisas. Nenhum Santo dos Últimos Dias precisa se preocupar com perguntas dessa espécie, porque a Igreja se preocupa só com a verdade.

Muitos têm-me dito: "Há algum conflito entre ciência e religião?" Não na mente de Deus, mas, sim na de indivíduos. Atualmente, através de eternidades, estamos chegando mais e mais ao entendimento da mente de Deus.

Naquele grande conselho dos céus já referido, dois planos foram apresentados — um, segundo o qual as mentes dos homens seriam compelidas a aceitar a verdade. Não haveria escolha. O homem não cometeria êrro. O outro, foi o plano apresentado por Deus pelo qual os homens teriam seu livre arbítrio. Teriam o direito de decidir entre a Igreja de Deus e todos os outros caminhos que operam no mundo.

Sabem que Deus rege desde os céus. Êle o faz com tais fios de sêda que, muitas vezes, é julgado que tenha perdido as rédeas. Tais pessoas jamais souberam que Êle existe. Outras admiram-se de que Êle exista. Muitas vezes fico a pensar que uma

situação semelhante jamais teria lugar se um ditador como Hitler ou Kruschew estivessem regendo. Mas, Deus é muito gentil e consagrado ao objetivo de que fôssem ensinados princípios corretos aos homens, para que pudessem reger-se por si mesmos, para que pudessem assumir a responsabilidade de seus próprios êrros e para que os homens, Seus filhos, pudessem livremente questionar se Êle mesmo existe. Para mim, isso em si mesmo é um dos testemunhos de Sua existência. Eu não posso imaginar nada que possa exemplificar mais maravilhosamente Sua misericórdia, sua bondade, sua consideração para conosco e em tudo quanto nos concerne, o faz com liames mais forte do que cabos de aço e, no entanto, o faz de uma forma tão suave que nem sequer conseguimos ver.

Eu sei que Êle existe. Isso é verdade, como grandes homens puderam verificar através dos tempos, que êste grande mundo no qual vivemos é governado por fôrças maiores do que o próprio mundo. Aconselho-os a mirarem o homem mais sábio que conhecem e perguntarem-se se êle é o maior intelecto do universo. Já pensaram na considerável ordem e maravilhosas coisas que constituiriam êste mundo se êle fôsse criado com entendimento não superior ao do homem tão sábio que você conhece? Por certo não o poderia. É inimaginável.

Rendo culto à suprema inteligência do universo, e estou convencido de que, por mais sábios que sejam os homens — êles têm feito coisas maravilhosas — que o Criador dêste universo vai tão além do que o homem compreende, que é ridículo falar-se em igualdade de nível sôbre isso. E agora testifico que as pessoas que têm estudado profundamente as ciências, são da mesma opinião.

Termino aqui, prestando meu testemunho. O profeta Joseph Smith foi por certo inspirado para restaurar o evangelho do Salvador como está demonstrado pela forma como opera na vida dos homens. Acima de tudo a verdade tem uma causa única. Os aparentes conflitos que muitas vezes nos afligem refletem apenas o nosso entendimento deficiente e devem eventualmente ser resolvidos satisfatoriamente. Progresso eterno é o destino do homem. Possa o Senhor ajudar-nos sempre a viver de acôrdo com os seus ensinamentos.



Os homens ao observar as maravilhas da natureza sentem o Espírito de Deus, mas muitos são cegos e não vêem a verdade do Evangelho.

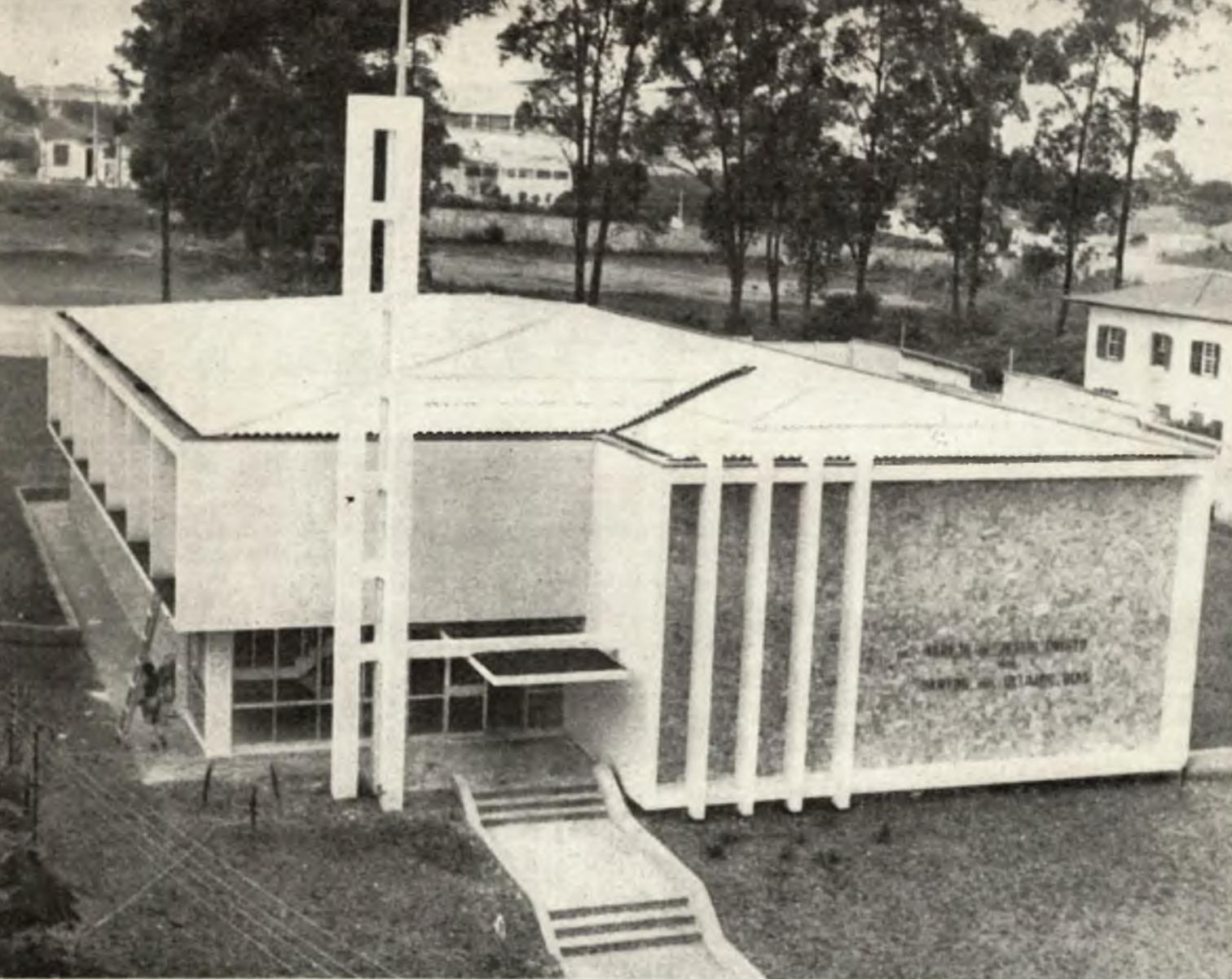


Foto tirada dias antes da inauguração da capela.

«Se o Senhor não EDIFICAR A CASA em vão trabalham os que constroem»

A vida se nos apresenta como uma sucessão de problemas que diariamente enfrentamos e cuja solução, às vezes, parece estar além da nossa capacidade de resolver e superar.

Sempre que deparamos com uma situação difícil, aparece alguém que nos bate às costas e diz: tenha fé, que você vencerá.

Se acreditamos verdadeiramente que somos capazes de vencer e não medimos esforços nem sacrifícios na luta,

verificamos que temos, em nós mesmos, uma enorme reserva de energias, que nos socorre nos momentos mais delicados, energia essa que quase sempre desconhecemos.

Quando, finalmente, superamos as dificuldades, somos levados a pensar que vencemos, ajudados pela fé. Mas, perguntamos: Fé em que? Fé em quem? Podemos dizer, neste caso, que foi a fé em nós mesmos, que nos levou a alcançar a finalidade proposta,

fé em nossas qualidades, fé na certeza que nossos objetivos eram justos e que os meios para conseguí-los eram honestos.

E que é a fé? Uma força maravilhosa que leva o homem a fazer coisas que, à primeira vista, parecem impossíveis e que, por isso mesmo, quando alcançadas, são mais valiosas que as coisas comuns.

É esta mesma força desconhecida e, por vezes ilimitada, que o homem



Aspecto da assistência numa das reuniões de domingo.

guarda em seu coração, que o faz construir obras de inestimável valor.

Assim nasce uma capela. Assim se constrói um edifício que, antes de ser uma capela é um símbolo. Símbolo de fé. Símbolo da capacidade de renúncia e dedicação, da humildade e abnegação de muitos homens que, deixando tudo para traz, se entregam inteiramente a obras, movidos exclusivamente por um único sentimento que chamamos fé. Perguntamos agora: Fé em que? Fé em quem? — Fé em Jesus Cristo, no Seu evangelho restaurado, fé na missão que o Senhor deu ao homem aqui na terra, na construção de Suas obras, na propagação de Sua palavra a todos os homens.

Capela em Sto. Amaro

Assim, a fé nos legou uma linda capela, a de Santo Amaro, em São Paulo, SP. Mais um local onde os homens se irmanarão, em nome de Jesus Cristo; onde receberão ensinamentos, onde elevarão seus espíritos, para estarem sempre mais perto do Pai Celestial e de Seu reino, onde se prepararão para levar adiante as palavras do Evangelho.

E, acima de tudo, é o lugar onde os homens fortalecerão a sua fé, porque não se deve esquecer que, atrás de cada tijolo assentado está escondido um pequeno gesto, gesto que reflete um sacrifício, uma renúncia, uma dedicação e uma grande obra: a obra do Senhor. Uma grande obra, construída pelas mãos de homens que deixam assim o fruto de seu trabalho, o qual só pode ser valorizado pelos olhos do Espírito.

Tudo começou quando Élder Clarence Moon foi chamado pela Primei-

ra Presidência da Igreja para voltar ao Brasil e vir supervisionar a construção de uma das muitas capelas que estão sendo erigidas nas diversas cidades do país.

Talvez ele houvesse sonhado durante muitos anos em visitar o povo entre o qual havia passado o período de experiências que até hoje o auxilia a obter sucesso em todos os seus empreendimentos, isto é, o período em que cumpriu sua chamada como missionário pregador.

Naquela ocasião o trabalho também não era fácil, mas a dedicação fez com que sua vida de missionário refletisse sua humildade e desejo ardente de servir ao Criador. Provavelmente dominava-o aquele mesmo sentimento de Nefi, quando disse: "...Eu irei e

cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual Suas ordens poderão ser cumpridas."

Terminada essa designação voltou aos Estados Unidos, onde continuou seus estudos, casou-se e tornou-se professor da High School. A experiência em construção ganhou-a quando ajudava um de seus irmãos, durante suas horas de folga. Chegou ao Brasil em julho de 1962, trazendo consigo sua esposa e filhos. Em um ano e meio conseguiu realizar com o auxílio do trabalho árduo e dedicado dos missionários construtores, motivados também pelo mesmo espírito, a obra que lhe foi entregue para dirigir.

No dia 12 de julho iniciou-se não oficialmente a construção. Nesse dia chegaram os quatro primeiros missionários construtores que antes haviam trabalhado no projeto de construção da capela do Ramo de Santana, São Paulo, SP. (Esta capela também será inaugurada brevemente, pois o trabalho já se acha na fase final.)

Início oficial da construção

Começou então a limpeza do terreno e derrubada das árvores. Apenas no dia 29 é que se realizaram as cerimônias oficiais para o início da construção, a qual foi presidida pelo ex-presidente da missão, William Grant Bangerter, com a presença de vários oficiais do ramo e distrito.

Já nesta ocasião os membros se sentiram entusiasmados e se dispuse-



Élder Clarence Moon e esposa satisfeitos com o trabalho realizado.



"Que Deus os abençoe" — foram as palavras de despedida do Presidente Beck.

ram a empreender todo o esforço para que o prédio fôsse terminado o quanto antes possível, a fim de que pudessem ter uma casa construída com o seu amor para o culto de Nosso Pai Celestial.

Desde a chegada dos rapazes, até o dia de sua partida, o ramo designou uma família para cuidar de sua roupa e preparar o almoço de domingo. Nenhuma família deixou espontaneamente de tratar de qualquer um deles. Deram o máximo para os fazer sentir bem.

Visinhos ajudam

Se por um lado os missionários pregadores pregam fazendo visitas aos lares, os missionários construtores pregam com as mãos, dando um testemunho vivo da semente do evangelho verdadeiro.

E pelas mãos dos missionários construtores foram ensinados os vizinhos da capela de Santo Amaro. Todos

gostavam de os ver trabalhar e houve muitos que os ajudaram com sua delicadeza e amabilidade tanto quanto vários membros.

Muitas das senhoras levavam bolos e doces que faziam para os rapazes, não podendo ser esquecida a cortesia de um dos vizinhos, médico, que logo após dois meses de construção simpatizou-se tanto com o trabalho e com o espírito reinante entre os missionários, que se ofereceu para tratá-los quando doentes sem receber qualquer pagamento, sempre dando grátis os remédios indicados para o tratamento.

Todos os missionários que trabalharam nessa obra tiveram o privilégio de viajar para vir ver o resultado de sua dedicação. A alegria que sentiam ao ver aquele edifício já terminado não podia ser entendida por nenhum dos presentes, mas podia ser vista em seus olhos. Brillava em seu olhar a satisfação do dever cumprido.

Parabéns aos construtores

Os dezesseis missionários que trabalharam durante dezessete meses de construção estavam presentes e foram os seguintes: Antonio dos Santos, Olaerte Arruda, Airton Santos, José Rabello da Silva, Aparecido Januário, Francisco G. Silva, Antonio Luciano Souza, Octaviano Sotero, José Luiz de Freitas, Oswaldo Rocha, Julio Kogawa, Cláudio I. Bueno, Jaime D. dos Santos, Erlan Fernando, Mário Ioshida, e Manuel Pereira.

Qualquer pessoa que vir aquele prédio perceberá o valor desses rapazes. Eles realmente merecem nosso cumprimento. (Leia na edição de fevereiro artigo especial sobre os missionários construtores.)

Durante o período em que lá estiveram trabalharam muito nas auxilia-

res do ramo. Vários deles foram chamados para líderes da AMM e do Sacerdócio e outros designados pelo Distrito para trabalhar com o Comitê de Mestres Visitantes e do Sacerdócio.

As horas mais agradáveis eram as de sábado à tarde ou feriados, quando os membros iam auxiliar ombro a ombro a edificar a casa onde teriam as suas reuniões. Em várias ocasiões trabalhavam até 3 ou 4 horas da tarde, então indo para um campo das proximidades para jogar futebol, membros contra missionários. (Na maioria das vezes os missionários venciam.)

Colaboração de membros

Além da colaboração dos membros, lavando e passando a roupa dos missionários, muitos dos homens e mulheres do ramo iam periodicamente dar o seu apoio ao trabalho e também ajudar na construção.

Os homens, em geral, encarregavam-se dos trabalhos mais pesados e as mulheres, a maioria da Sociedade de Socorro, preparavam um almoço especial para ser saboreado em conjunto. Depois todos participavam de algumas brincadeiras ou descansavam para logo mais voltar ao trabalho.

No cômputo das horas dedicadas pelos membros verificou-se que os homens trabalharam 3.000 horas e as mulheres 4.000.

Mas os missionários pregadores ajudaram muito também, principalmente nos últimos dias. Não fôsse o seu auxílio em massa, talvez não tivesse sido possível entregar ao ramo o prédio totalmente construído no dia em que havia sido marcado para as cerimônias de inauguração. O total de horas trabalhadas pelos pregadores foi de 2.700 e de 23.000 o dos construtores.



Os missionários pregadores foram bons recepcionistas.



200 pessoas saborearam a refeição preparada pela SS.



Os visitantes ficaram admirados com a obra e amor dos missionários.

Nos dias que precederam à inauguração os missionários trabalharam 24 horas por dia. Aproximava-se o momento marcado para a inauguração, tudo já estava combinado, as reuniões marcadas, mas alguns retoques precisavam ser dados e, com a ajuda dos missionários pregadores e vários membros, conseguiram aprontar a belíssima capela da Rua São Benedito, 504, Santo Amaro.

Inauguração

Finalmente chegou o dia 14 de dezembro quando foi realizada uma reunião em homenagem aos missionários construtores que trabalhavam na capela e também ao supervisor e família. Esta reunião foi dirigida pelo Comitê de Construção da América do Sul, estando presentes o Presidente desse Comitê, Élder Arthur Allen e esposa; Élder Floyd Johnson e esposa, Supervisor da Construção do Uruguai, Paraguai e Brasil; Presidente Wayne M. Beck e esposa, da Missão Brasileira; Presidente Hélio da Rocha Camargo e esposa, Primeiro Conse-

lheiro da Missão Brasileira; Presidente José Lombardi e esposa, Segundo Conselheiro da Missão Brasileira; Presidente Walter Spat e esposa, do Distrito de São Paulo; Presidente Wilson Sanchez Neto, do Ramo de Santo Amaro; conselheiros e membros do Conselho do Distrito de São Paulo e vários outros oficiais do Distrito e do Ramo.

Tôdas as autoridades presentes tiveram oportunidade de dirigir a palavra aos assistentes, elogiando e cumprimentando os missionários e seu supervisor pelo trabalho que realizaram, não se esquecendo também de um voto de louvor aos missionários pregadores e aos membros. Depois de encerrada a reunião foi servido um *buffet* para as 200 pessoas que lá estavam, o qual foi preparado pelas senhoras da Sociedade de Socorro do Ramo de Santo Amaro, com a ajuda de oficiais do Distrito e outros ramos.

No domingo foram realizadas as reuniões de conferência do Ramo, também com a presença de autoridades da Missão, Distrito e Ramo. Na reunião da manhã Élder Clarence Moon teve oportunidade de entregar a chave da capela ao Presidente Wilson Sanchez Neto. Nesta mesma ocasião falaram o Presidente Allen, sobre a importância de construir; o Presidente Beck, sobre o que representava para os membros daquele ramo ter uma capela nova e quais os cuidados que seriam necessários para a sua conservação como Casa do Senhor; o Presidente Lombardi sobre o significado da inauguração; etc.

No período da tarde realizou-se uma reunião batismal em que muitos dos pais tiveram o prazer de batizar seus filhos. Pôde-se sentir no momento dos batismos, que o Senhor estava



Livro de presença, com a assinatura de todos ficará guardado no ramo.

agradecido pela fé demonstrada por aqueles santos, derramando Seu Santo Espírito, fazendo com que todos se emocionassem e se sentissem um pouco mais recompensados pela sua dedicação.

Durante os dias 13, 14 e 15 a capela ficou aberta para visitação do público, havendo recepcionistas encarregados de conduzir os grupos de visitantes a tôdas as dependências, dando explicações da sua utilização. Os missionários pregadores estavam encarregados de apresentar alguns dos princípios básicos de crença e de contar um pouco a respeito da organização e restauração da Igreja.

Tôdas as pessoas que visitaram a capela de Santo Amaro sentiram o Espírito do Senhor, perceberam que aquela construção não foi apenas levada a efeito por homens, mas pelo próprio Deus. Sentiram a realidade da afirmação de Davi no verso primeiro do Salmo cento e vinte e sete:

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem.”



Autoridades e missionários que construíram a capela.



Dezenas de pessoas visitaram o edifício durante a inauguração.



Publicidade aumenta interêsse

Os habitantes da cidade de Livramento, RS, estão sendo incentivados a conhecer o Livro de Mórmon e a Igreja, através do empreendimento publicitário planejado pelos membros residentes nessa localidade.

Para chamar a atenção dos transeuntes da rua, onde se encontra instalado o ramo, foi colocada uma faixa de lado a lado, ligando o prédio da capela a uma livraria, com os dizeres: "Já leu o Livro de Mórmon?"

Numa vitrina em frente à capela, quase no centro da cidade, foi exposto um cartaz com gravuras, de Arnold Friberg, um dos mais famosos pintores religiosos do mundo e Elder da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ilustrando diversos acontecimentos relatados no Livro de Mórmon.

No centro do cartaz, em baixo, foi desenhado um mapa do mundo, circundado pelas gravuras, tendo de um

lado o Livro de Mórmon e do outro a Bíblia e flechas ligando os continentes aos livros com os dizeres: "Vara de José" e "Vara de Judá". Na parte superior foram escritos os versos 15, 16 e 17 do capítulo 37 de Ezequiel:

"Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

"Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de pau e escreve nêlo: Para Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros; depois toma outro pedaço de pau, e escreve nêlo: Para José, vara de Efraim, e para tôda a casa de Israel, seus companheiros.

"Ajunta-os um ao outro, faze dêles um só pau, para que se tornem apenas um na tua mão."

No mesmo cartaz foram ainda escritas: a passagem de II Coríntios 13:1, mostrando que os livros são testemunhas de Cristo:

"Esta é a terceira vez que vou ter convosco.

"Por bôca de duas ou três testemunhas tôda questão será decidida"; e também a nona Regra de Fé:

"Cremos em tudo que Deus tem revelado, em tudo o que Êle revela agora, e cremos que Êle ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus."

Na frente do cartaz foram colocados três livros abertos com a indicação de algumas passagens interessantes, uma delas com o depoimento das três testemunhas e Moroni 10:4:

"E quando receberdes estas coisas, peço-vos que pergunteis a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com boa intenção, tendo fé em Cristo, Êle vos manifestará sua verdade pelo poder do Espírito Santo."

De um lado do cartaz estão expostas fotografias de ruínas das Américas com a seguinte pergunta: "Quais

os fundadores das antigas civilizações descobertas pelos cientistas modernos?”, e do outro há várias fotografias de ruínas, juntamente com algumas dos índios americanos, com a declaração: “Os antepassados dos índios, os povos do Livro de Mórmon, construíram grandes civilizações nas Américas.”

Tôdas as pessoas que passam pelo local onde se acha a exposição e se mostram interessadas, recebem um panfleto que contém uma breve explicação sôbre a origem e outros detalhes a respeito do Livro de Mórmon.

“A faixa e exposição têm despertado o interesse do povo da cidade com relação à Igreja e ao Livro de Mórmon.” — disse o Presidente do Ramo de Livramento, Élder Waldomiro S. Radtke.

A maioria das pessoas já ouviu falar alguma coisa a respeito da Igreja ou dos “mórmons”, entretanto, muitos estão se interessando em saber detalhes sôbre a vida e crença desse grupo.

Informou ainda o presidente do ramo que, no processo de conseguir permissão para colocar a faixa, teve que se entender com funcionários da Prefeitura Municipal.

Na explanação de seus objetivos teve oportunidade de levar ao conhecimento de muitas autoridades e outros intermediários como se originou o Livro de Mórmon e o que êle representa para os povos.

Mas também tiveram oportunidade de receber as mesmas explicações os funcionários da Companhia de Energia Elétrica da cidade, que são os responsáveis pela colocação de tôdas as faixas nas ruas.

Periódicamente, a faixa será substituída por outras, sempre com o objetivo de mostrar as diferentes fases do programa e ensinamentos da Igreja.

É realmente satisfatório podermos saber que os missionários locais estão desde já sentindo os efeitos desse trabalho de publicidade empreendido por aquêle grupo de santos. Muitas são as pessoas que param para se inteirar dos dizeres do cartaz e muitas outras as que chegam mesmo a assistir algumas das reuniões do Ramo.

Para colaborar com essa campanha está sendo anunciado no jornal da cidade o horário de tôdas as reuniões e atividades especiais realizadas na capela, chamando, assim, a atenção do povo para a mensagem que os santos dos últimos dias têm para o mundo.

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

Dízimo honesto traz bênçãos

Poucos dias depois do término do ano, todos os presidentes dos ramos da Igreja levam avante o procedimento que é conhecido como “Acêrto do Dízimo”. Nesta ocasião os membros da Igreja têm o privilégio de reunir-se com os bispos e examinar os registros de seus dízimos e de outras contribuições feitas à Igreja. Este exame de seu registro financeiro torna possível que o membro calcule e determine qualquer quantia adicional que esteja faltando para que seja um pagador de dízimo completo antes de fechados os livros do ano.

O presidente do ramo perguntará se o membro paga o dízimo completo, em parte ou se está isento do pagamento do dízimo e os registros oficiais da Igreja serão escritos segundo a sua afirmação verbal. Depois do acêrto do dízimo o registro é enviado à sede geral da Igreja, ficando uma cópia com o presidente do ramo e outra com o presidente do distrito.

Nos casos em que os membros deixam de fazer o acêrto o bispo é obrigado a fazer um julgamento oficial do caso e marcar nos registros: completo, parcial ou isento. Entretanto, é óbvio que quando os membros deixam de fazer o acêrto o presidente do ramo, como juiz em Israel, deverá fazer a determinação nos registros oficiais da Igreja das condições de pagamento de dízimo dos membros. O acêrto do dízimo garante a cada

membro a oportunidade de pessoalmente fazer uma auditoria em seu registro financeiro, conferindo a escrituração de suas contribuições.

Uma pessoa pode estar de acôrdo com a lei do dízimo se pagar a soma de sua contribuição no fim do ano. É comumente mais sábio, entretanto, pagar o dízimo sempre que haja qualquer entrada, eliminando, assim, a necessidade de dispender uma grande soma de dinheiro no final de cada ano. Ocasionalmente, os membros experimentam real desapontamento quando esperam chegar o fim do ano para pagar seu dízimo e descobrem que guardaram uma quantidade inadequada para satisfazer as necessidades de seu dízimo.

Cada membro da Igreja que paga seu dízimo reconhece as grandes bênçãos e benefícios derivados de obediência a esta lei divina e se torna consciente do pronunciamento de Malaquias; “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sôbre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância. E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vida no campo não vos será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.” (Malaquias 3:10-11.)



Edição revisada do

Livro de Mórmon

Peça agora ao Almoxiarido da Missão Brasileira a edição de 1963 do Livro de Mórmon.

Cr\$ 400,00

GENEALOGIA

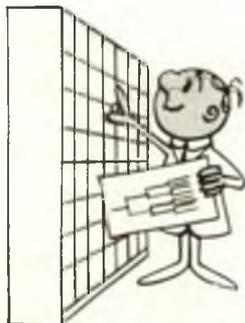
Não comece a pesquisa até...



que você tenha procurado ver se outros já a empreenderam antes em qualquer ramo de suas linhagens. Você já procurou obter informação de seus pais? Agora vejamos o que mais pode ser feito para evitar duplicação.



Procure conseguir informações dos Arquivos dos Registros da Igreja da Associação Genealógica em Salt Lake, onde há mais de quatro milhões de registros de uma família. Pode ser que o registro de alguns de seus ancestrais esteja entre eles. Se não pesquisar, nunca saberá.



Assim, procure um registro de uma família de cada casal de seu gráfico.

Se você encontrar uma folha de uma das pessoas de sua família, copie a informação. Depois, procure o



nome de quem a submeteu e escreva para ela perguntando se tem dados adicionais.



Procure nos microfilmes dos arquivos de informação da igreja.



O próximo passo é procurar na biblioteca a linhagem e registros de grupo familiar dos representantes da família.

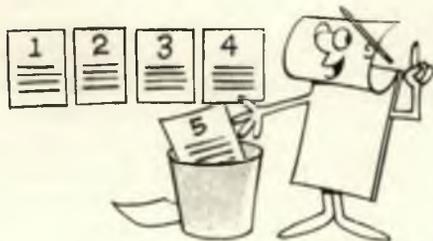


Em seguida, pesquise no Bureau de Índice dos Registros do Templo. Você não pode, na realidade,

pesquisar nestes registros pessoalmente, mas o Departamento de Informação e Serviço Público da Associação Genealógica poderá ajudar.



Você pode encontrar, como resultado de sua pesquisa, uma palavra de incentivo com referência à informação contida no registro de uma família e gráfico de genealogia. Verifique a validade da informação registrada! Não a aceite meramente porque está nos arquivos da biblioteca. Use os dados como guias e tenha como objetivo a pesquisa nos registros originais. Você sabe, diz o sr. Genealogia, que um entre cinco registros de uma família submetidos à Associação Genealógica já tem cópia no arquivo?



Tôdas as pessoas que pretendem iniciar o trabalho de pesquisa em genealogia não podem se esquecer que é importante começar com uma boa pesquisa nos Arquivos e no Bureau de Índice, do templo e da Sociedade Genealógica.



O terceiro passo — Registros da Igreja. Isto é: Bênçãos Patriarcais, Obituários, Registros de Emi-

gração, Registros de Alas e Ramos; Registros dos Templos etc. Você pode encontrar informação valiosa sobre seus ancestrais nesses registros. Estes três passos, diz o sr. Genealogia, completam o que chamamos Levantamento de Pesquisas — com dois objetivos importantes:

1. Obter o máximo de informação possível sobre sua ascendência sem pesquisa propriamente dita.



2. Eliminar a possibilidade de duplicação do trabalho de pesquisa, procurando saber o que já foi feito em sua linhagem.



Se todos comessem o trabalho genealógico com um Levantamento de Pesquisa, nunca teriam a infeliz experiência de tempo e dinheiro gastos em trabalho em duplicata. E pense nos milhares de cruzeiros gastos pela Associação Genealógica na verificação e devolução de um trabalho em duplicata.



Naturalmente, estamos muito longe de Salt Lake para empreender uma pesquisa pessoal. Mas este trabalho preliminar poderá ser levado avante por correspondência.

A Oração Eficaz

WILLIAM W. STEVENS

A oração tanto pública como privada, em geral, é uma experiência nova para os conversos à Igreja e quando não é uma experiência inteiramente nova, certamente, toma novo significado. Que é uma oração? Como oramos? Por que devemos orar? Como uma pessoa adquire o hábito de orar? Estas são algumas perguntas que deixam os conversos perplexos e, freqüentemente, deixam também perplexos os nascidos na Igreja.

A oração pode tanto ser verbal como silenciosa, mas deve vir do coração e não apenas ser feita quando estamos em dificuldades. Certamente todos nós sentimos a necessidade de orar no começo do dia. Podemos, ao levantar, saber o que vai nos acontecer antes de terminado o dia? Quais os testes e tentações a que estaremos sujeitos? A oração é o alicerce em que devemos construir nossa fé e força para sobrepujar as tentações, mas devemos ser vigilantes para que nossa oração não se torne um monólogo repetido todos os dias na mesma hora. Nossas palavras devem refletir o que nos vai no coração.

Não devemos nos sentar às refeições sem abençoar o alimento e, quando há oportunidade de sempre a família estar junta nas horas de refeição, cada um deve ter a sua vez de orar pelo grupo. A oração familiar, quando toda a família se ajoelha, tornar-se-á uma influência importante para manter a união.

Mas a oração verbal é uma experiência que faz tremer a muitas pessoas. "Se eu fizer um erro?" Esta pergunta parece permanecer em nossas mentes durante nossas primeiras orações públicas, se é simplesmente uma bênção do alimento na presença

de nossa família ou a invocação numa reunião da igreja. É quase impossível fazer um erro na oração se ela for sincera!

Um problema comum é simplesmente o que dizer e como dizer. Todos sabemos que começamos a oração dirigindo-nos a nosso Pai Celestial e encerramos orando em nome de Jesus Cristo. Mas, o que vai nesse meio?

As orações consistem basicamente de duas coisas: Damos graças pelo que temos e pedimos o que precisamos. Muitas pessoas dedicam a primeira parte de suas orações para agradecer e a segunda para pedir bênçãos que precisam, mas a ordem em que isto é feito não é realmente importante. Brigham Young nos ensina: "Se você não sabe o que pedir, permita-me dizer-lhe como orar... Submeta-se a seu Pai Celestial e suplique que lhe guie por inspirações do Espírito Santo, e que guie este povo e dite os procedimentos de Seu Reino na terra. Peça-Lhe que o ponha exatamente onde Ele quiser, e pergunte-Lhe o que quer que você faça, procurando sentir-se pronto para agir." (*Discourses of Brigham Young*, p. 46.)

Em todas as orações devemos pedir que Seu Espírito ou o Espírito Santo nos guie. O Espírito de Deus é de tal natureza que todas as pessoas, em qualquer lugar, podem receber de sua plenitude em todos os tempos. É como a personalidade de um grande homem, que enche uma sala de forma que todos sentem sua presença e o número de pessoas presentes não diminui o montante de personalidade acessível a cada um.

O jovem que estava fazendo suas orações antes de deitar com a ajuda

de sua mãe e quem, quando ela reclamava, dizendo: "Não estou ouvindo", respondia: "Não estou orando para você!", pode ter tido um pouco de razão, naquelas circunstâncias. Mas, quando oramos para um grupo, devemos entender que foi-nos pedido para ser a voz do grupo diante de Deus e todos merecem ouvir a oração que, afinal, estão oferecendo. Portanto, se uma pessoa é fisicamente capaz deve falar com voz alta para ser ouvida — não apenas por Deus, mas pela congregação.

Alguns santos disseram: "Ah! Ele sabe o que eu preciso melhor que eu. Por que o importunar com pedidos?" Nosso Pai Celestial pode ser mais influente em nossas vidas apenas quando lhe damos permissão para participar dela e ser nosso guia — de outra maneira estaria violando nosso livre arbítrio. Não importa o quanto Ele conheça nossas necessidades, pois não forçará sua vontade sobre nós. Em todas as situações o pedido deve preceder a bênção.

Para formar o hábito de orar, seja sincero em suas orações e faça um esquema, pelo menos no começo, e virá ocasião em que a oração será parte integral de sua vida. "Cada respiro", diz Brigham Young, "deverá virtualmente ser uma oração." (*Ibid.*, p. 44.)

A oração é um dos maiores privilégios que nos foram concedidos. É dever solene do chefe da casa de todo santo dos últimos dias observar se cada membro da família pratica sua fé, aproveitando este privilégio. É preciso que não seja esquecido e nem abusado. Não há lugar como seu lar para pôr em efeito estes princípios da oração. E não há hora melhor que a presente.

Livro de Mórmon oferecido ao Presidente João Goulart



A Sra. João Goulart recebe das mãos dos élderes um panfleto sobre a Igreja.

A Igreja tem crescido muito em tôdas as partes do mundo e seu trabalho já está sendo notado. Muitas pessoas procuram os missionários com a finalidade de ouvir maiores esclarecimentos sobre a doutrina e crença que representam.

Os investigadores do Evangelho, em sua maioria, antes de receber a visita dos missionários já tinham ouvido falar do mormonismo e da força que representa no mundo.

Os jornais e revistas têm colabo-

rado muito através dos artigos publicados periodicamente, escritos por diversas das autoridades da Igreja e também através das notícias de viagens e entrevistas com líderes como Presidente Hugh B. Brown e Presidente Tuttle.

Mas, ultimamente, o maior fator de publicidade tem sido a inauguração de belíssimas capelas como as de Santo Amaro, Pinheiros, Campinas, Porto Alegre, Londrina, Curitiba, além dos programas de rádio com a apresentação do Côro do Tabernáculo.

Assim, o trabalho de pregação vem se intensificando cada vez mais nestes últimos tempos e os missionários estão procurando propagar a mensagem do Evangelho restaurado ao mundo em geral e, em particular, têm se esforçado para entrar em contato com os indivíduos que ocupam posições de liderança. Nessas oportunidades oferecem diversos dos livros da Igreja, principalmente o Livro de Mórmon, panfletos e também revistas.

Os élderes Charles Robert Collins e David Peterson tiveram a honra e privilégio de serem recebidos pelo primerio líder da Nação, *Presidente*

João Goulart, aproveitando a oportunidade para lhe fazer a entrega de um exemplar do Livro de Mórmon.

Nessa mesma ocasião, durante a conversa que tiveram, os élderes explicaram brevemente a origem e história desse livro, falando ainda sobre a posição da Igreja na atualidade e o trabalho que vem desenvolvendo no Brasil, quer no campo da pregação quer na realização do Programa de Construção.

O Presidente ficou impressionado com o trabalho que está sendo realizado, principalmente no que tange ao Programa de Construção, a chamada dos missionários construtores e ainda a colaboração dos membros para o rápido andamento das obras.

Após os quinze minutos que estiveram com o Presidente, foi-lhes concedido o prazer de entregar à Primeira Dama do País, Sra. João Goulart, um dos panfletos ilustrados que contam a história da Igreja, explicando-lhe também alguns dos princípios do Evangelho e comentando sobre o sucesso que a Igreja tem conseguido e a maneira que tem colaborado no progresso da nação.



Momento em que Presidente Goulart examinava o Livro de Mórmon, que lhe foi entregue pelos missionários da Igreja.

MESSIAS

Eu Te sinto, Messias, no lirismo
suave e metafísico de Haedel.
Não mais apenas Cristo, imarcessível
no impávido clamor do Sermão da Montanha.
Não mais a voz humanizada
de Getsêmani. Não mais o Enigma
de fogo das parábolas.

Sinto-Te, Cristo, incandescente e líquido
nas gotas de piedade dos meus olhos,
nos gestos bruxoleantes dos meus dedos,
na sistole e diástole das horas.
Sinto-Te apenas síntese de tudo
que é bom e inamovível neste mundo...

Sinto-Te, Mestre, sábio e complacente
nos lamas do Tibete e da Mongólia,
nos fêrvidos colóquios de Confúcio,
nos sacrifícios místicos dos Brâmanes,
nos panfletos realísticos de Zola...

Sinto-Te essência rútila e presente
desde o início das Eras. Sol flamante
por sobre a elipse trópega dos astros...
Estalagmite a fluir dentro do espírito
os cristais palingênicos do Amor!

Jane Arduino Perticarati
(O Tanque de Betesda)

Devolva a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, SP, Brasil.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO